

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

BRUNO VINICIUS KUTELAK DIAS

**O SAGRADO E O PROFANO EM *CAIM* E O *EVANGELHO SEGUNDO*
JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

BRUNO VINICIUS KUTELAK DIAS

**O SAGRADO E O PROFANO EM *CAIM E O EVANGELHO SEGUNDO*
JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Co-orientadora: Prof^a. Dra^a. Naira de Almeida Nascimento

CURITIBA

2014



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Curitiba
Departamento de Comunicação e Expressão
Letras Português/Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

O SAGRADO E O PROFANO EM *CAIME* E *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*, DE JOSÉ SARAMAGO

por

BRUNO VINICIUS KUTELAK DIAS

Este(a) Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em 08 de dezembro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^o. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Prof. Orientador

Prof^a. Dr. Regina Helena Urias Cabreira
Membro titular

Prof^o. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Membro titular

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sueli e Jorge, por acreditarem em mim e serem responsáveis pelos longos anos que passei até essa data e pelo que me tornei depois deles. Também a toda a minha família pelo apoio e carinho.

Aos amigos que foram minha nova família, especialmente André, pelas horas de discussões e apoio; Bárbara, Camille, Luana e Thalita, por me acompanharem durante esse curso tornando a experiência mais fácil; Deninton, por me apresentar o curso, não me deixar fazer apenas Licenciatura em Inglês e por sempre estar por perto; Syl, por me mostrar o lado humano que luta por uma posição mais elevada na hierarquia do mundo; Camila, Elis, Hérica e Paola, pelos anos de amizade e por serem minhas irmãs do coração.

Aos professores Márcio e Regina, por toda a ajuda com o projeto; e, principalmente, professora Naira, que aceitou ser minha orientadora e é a responsável por esse projeto, além da ajuda com o mestrado e por tudo o que foi transmitido durante o curso.

Finalmente, a Deus e a todos os espíritos que me guiam e protegem na minha caminhada, dos quais eu tiro força e sabedoria para seguir.

Sem Deus minha obra ficaria incompleta.

(SARAMAGO, José. 2002)

RESUMO

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak. **O sagrado e o profano em *Caim* e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago**. 2014. 60 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2014.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta explorar a relação entre o sagrado e o profano nas obras *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, de José Saramago; analisando seus personagens principais, Jesus, Caim, Maria, Maria de Magdala, Eva e Lilith, relacionando-os aos teóricos selecionados. Percebe-se que o autor, nas duas obras selecionadas e em grande parte de sua produção literária tem o humano profano como fator central de suas narrativas, funcionando como modo de questionar o sagrado. Jesus e Caim representam, respectivamente, o sagrado rebaixado e o profano empoderado contra Deus. Maria, Maria de Magdala, Eva e Lilith refletem o feminino questionando o divino e toda a tradição cultural andrológica. O trabalho pauta-se, principalmente, nos textos de Auerbach (2001), Bakhtin (1996 e 1998), Barros (1998), Bataille (1987), Eliade (1992), Ferraz (2012), Frye (1973 e 1982) e Whitmont (1991), além de outros. Por meio do estudo das obras observa-se o profano de Saramago adquirindo um papel superior ao tão criticado sagrado. A valorização das características humanas e profanas questiona não somente a religião, mas também a forma com que a sociedade moderna percebe o sagrado.

Palavras-chave: Literatura. Saramago. Evangelho. Caim. Sagrado. Profano.

ABSTRACT

DIAS, Bruno Vinicius Kutelak. The sacred and the profane in *Cain* and *The Gospel according to Jesus Christ*, by José Saramago. 2014. 2014. 60 pages. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Federal Technology University - Parana. Curitiba. 2014.

This present work has the purpose to explore the relationship between the sacred and the profane in the narratives *Cain* and *The Gospel According to Jesus Christ*, by José Saramago; analyzing its main characters, Jesus, Cain, Mary, Mary Magdalene, Eve and Lilith, relating them to the selected theory. It is noticed that the author, in the two selected works and much of his writing has human profane as the central factor of their narratives, running as a way to question the sacred. Jesus and Cain represent, respectively, the recessed sacred and the profane empowered against God. Mary, Mary Magdalene, Eve and Lilith reflect the feminine questioning the divine and all male-centered cultural tradition. The work is guided mainly by the texts of Auerbach (2001), Bakhtin (1996 and 1998), Barros (1998), Bataille (1987), Eliade (1992), Ferraz (2012), Frye (1973 and 1982) Whitmont (1991), among others. Through the study of the works it is observed Saramago's profane acquiring a superior role in relation to the so criticized sacred. The appreciation of human and profane features questions not only religion, but also the way that modern society perceives the sacred.

Keywords: Literature. Saramago. Gospel. Cain. Sacred. Profane.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 11 |
| 2.1 O SAGRADO E O PROFANO..... | 11 |
| 2.1.1 O Feminino e o Sagrado | 14 |
| 2.2 O SAGRADO, A LITERATURA E SARAMAGO | 17 |
| 3 O PROFANO E O SAGRADO EM CAIM E O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO..... | 26 |
| 3.1 CAIM | 26 |
| 3.2 JESUS..... | 31 |
| 3.3 EVA E LILITH – AS PRIMEIRAS MULHERES A SE LEVANTAREM CONTRA DEUS | 38 |
| 3.3.1 Eva..... | 38 |
| 3.3.2 Lilith..... | 41 |
| 3.4 MARIA E MARIA DE MAGDALA – MÃE E ESPOSA PROFANAS | 44 |
| 3.4.1 Maria - Mãe do Filho de Deus | 45 |
| 3.4.2 Maria de Magdala - Companheira do Filho de Deus | 50 |
| 4 CONCLUSÃO..... | 55 |
| REFERÊNCIAS..... | 59 |

1 INTRODUÇÃO

José Saramago, um dos autores mais importantes dos séculos XX e XXI, nasceu em uma família de camponeses na província de Ribatejo, em Portugal; após exercer diversas profissões, começa a se dedicar exclusivamente à literatura em 1976, já com 54 anos, e ganha o Prêmio Nobel de Literatura em 1998.

Polêmico e provocador, suas obras refletem seus ideais não só políticos, mas também são famosas pelo seu questionamento a respeito do comportamento religioso, talvez uma das características mais marcantes de sua obra; segundo Aguilera (2010, p. 118), o próprio autor reconhece, ironicamente, que “sem Deus sua literatura perderia o sentido”.

Seu comportamento questionador, e também a publicação de uma de suas obras mais famosas, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, resultaram no auto-exílio nas Ilhas Canárias após a grande polêmica causada com o governo português. Tanto *O Evangelho segundo Jesus Cristo* quanto *Caim* são as duas obras escolhidas para serem analisadas no presente projeto. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, proibido pelo governo português em 1991, reconta a história mais tradicional da fé cristã; *Caim* também é visto como uma continuação do trabalho feito no romance anterior; uma busca pela morte de Deus.

O presente trabalho desenvolve a análise comparada das obras citadas anteriormente, focando nos personagens Jesus, Maria e Maria de Magdala, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2010), além de Caim, Eva e Lilith, em *Caim* (2011). Todos os personagens reforçam e valorizam as características humanas em comparação com o divino tradicional. Isso pode ser atestado na narrativa, tanto em relação a Jesus, como também no que se refere a Maria e a Lilith, que abandonam suas características sagradas tradicionalmente aceitas no culto mariano e na tradição judaica na qual, segundo Sicuteri (1990), Lilith é transformada em demônio e exilada por Deus. Com base nos textos teóricos a respeito do sagrado, pretende-se explorar a influência bíblica na literatura de Saramago e como os personagens principais são associados aos conceitos e definições a respeito do sagrado e do profano, sendo utilizadas pelo autor como questionamento da religião e seus dogmas, que permeiam a sociedade moderna.

O objetivo principal do trabalho é analisar os romances *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, de José Saramago, a partir da representação do

sagrado. Para isso, pretende-se discutir o papel atribuído nos romances a dois personagens tradicionais da história bíblica: Jesus e Caim; verificar como os pares centrais dos romances, Jesus e Maria de Magdala/ Caim e Lilith, reagem à representação do sagrado; analisar comparativamente as personagens dos romances em relação ao texto bíblico, a fim de evidenciar deslocamentos e assimilações; e relacionar a articulação da literatura com o histórico e com o mítico, com base nos textos estudados.

Quanto à metodologia, para a realização do projeto se fez necessária a releitura das duas obras propostas para a análise, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Caim*, focando na trajetória dos personagens principais durante o enredo e como eles se relacionam entre si e com os conceitos do sagrado.

Foi realizado um levantamento e leitura da bibliografia relacionada tanto à crítica literária como ao sagrado e o ao trabalho do autor, analisando formalmente as obras e como se dá a influência da religião dentro das obras literárias e no trabalho de José Saramago. Os principais autores utilizados são Auerbach (2001), Bakhtin (1996 e 1998), Barros (1998), Bataille (1987), Eliade (1992), Ferraz (2012), Frye (1973 e 1982) e Whitmont (1991), além de outros.

Auerbach, Bakhtin e Frye serão utilizados para embasamento sobre a teoria literária e como se dá a relação da literatura com a tradição religiosa; Barros, Bataille, Eliade e Whitmont serão utilizados para a análise relacionada ao sagrado e suas características em relação ao feminino e ao profano; Ferraz servirá de base para o estudo relacionado especificamente à obra de Saramago e às obras selecionadas. Além desses autores citados, outros serão utilizados para embasar as análises das obras selecionadas, levantamentos históricos a respeito dos personagens selecionados e sobre a obra do autor.

O presente trabalho está estruturado na seguinte forma: capítulo da *Fundamentação Teórica*, no qual serão estudados os autores citados previamente para embasar a análise das obras; capítulo de análise intitulado *O profano e o sagrado em O Evangelho Segundo Jesus Cristo e Caim*, dividido em seções para a análise dos personagens escolhidos; por fim, o capítulo de *Conclusão*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção abarca as principais teorias utilizadas como embasamento para o desenvolvimento do projeto. Inicialmente, serão enfocadas as teorias envolvendo o sagrado e o profano, incluindo a relação do feminino com o sagrado. Em seguida, a relação da literatura com o sagrado será abordada, buscando analisar como o texto bíblico pode ser estudado juntamente com os textos que o utilizam como inspiração ou que o questionam, como é o caso de José Saramago.

2.1 O SAGRADO E O PROFANO

O sagrado é, por excelência, “absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992, p.13), não faz parte do natural, do mundano, mesmo um objeto ou um ato fisiológico sacralizados tornam-se uma comunhão com o sagrado, com um mundo que é diferente do nosso:

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade, etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico: é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 1992, p. 14).

O sagrado é a manifestação de algo não pertencente ao nosso mundo em algum objeto natural; vai desde a manifestação do divino em uma rocha até a manifestação suprema de Deus em Jesus Cristo. “Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos” (ELIADE, 1992, p. 15). Considerar algo sagrado ou não depende da posição na qual o homem se encontra na sociedade e no mundo onde vive, verifica-se a modificação e até a abolição das crenças “primitivas” de acordo com o modo que determinada sociedade se porta a respeito da relação do mundo profano com o sagrado.

De acordo com Eliade (1992), mesmo que o homem moderno tente optar por uma existência profana, ele não consegue “abolir completamente o comportamento religioso” (p. 18); assim, pode-se observar a presença não só do comportamento religioso na sociedade, mas de uma cultura desenvolvida com bases no sagrado e

em suas tradições. O homem moderno carrega o comportamento sagrado em sua cultura, pois este não é completamente exterminado com a “evolução” da sociedade moderna. A cultura moderna detém características do sagrado que funcionam como bases da sua formação.

Esse sagrado se apresenta na sociedade, como discorre Campbell (1991), na forma das histórias e tradições passadas pelas gerações, formando uma base para a cultura moderna: “As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu” (p. 14). Nas diversas culturas modernas, encontramos figuras mitológicas onde se apoiam tais tradições ligadas ao divino, tomadas como modelos positivos ou negativos, figuras essas, na sua maioria, sagradas e não profanas. Segundo Eliade:

as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou Heróis civilizadores. Por esta razão suas gestas constituem mistérios: o homem não poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. [...] É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. É evidente que se trata de realidades sagradas, pois o sagrado é o real por excelência. (ELIADE, 1992, p. 50).

Essa realidade sagrada não faz parte do mundo profano, já que nenhum “deus, nenhum herói civilizador jamais revelou um ato profano” (ELIADE, 1992, p. 51), assim, há uma clara separação das duas realidades, o homem comum é resignado ao mundo profano, tendo o sagrado como modelo. “A função mais importante do mito é, pois, ‘fixar’ os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc.” (ELIADE, 1992, p. 51).

Tal separação entre as realidades profana e sagrada é modificada com a ascensão do Cristianismo, “Jeová não se manifesta no Tempo cósmico (como nas outras religiões), mas num Tempo histórico” (ELIADE, 1992, p. 57). Como cita Eliade (1992, p. 57-58), o Cristianismo valoriza o tempo histórico com a encarnação do filho de Deus na Terra, uma “existência humana historicamente condicionada”, num tempo histórico delimitado, o tempo em que Pôncio Pilatos governava a Judeia. Detendo maior influência na sociedade moderna, principalmente na sociedade Ocidental, o Cristianismo aparece como modelador da cultura, a “concepção de mundo confunde-se com o Cristianismo” (ELIADE, 1992, p. 79). O sagrado deixa de

ser apenas o pertencente a um mundo inalcançável e se apresenta no meio dos humanos profanos, sob a forma de um homem comum.

Com essa ascensão cristã, dogmas e preceitos da sociedade começam a ser modificados de acordo com os postulados dessa nova manifestação religiosa. Como afirma Bataille (1987), o Cristianismo reduziu “o sagrado, o divino, à pessoa descontínua de um Deus criador” (p. 78), rejeitando o impuro e o maculado, restringindo tais características à esfera do profano. O impuro começa a ser classificado pelos dogmas cristãos, divergindo, muitas das vezes, com o que recebia esse rótulo anteriormente a essa mudança, como a sexualidade, por exemplo. Jesus, o líder principal dessa religião, é visto como puro e virginal, criando uma imagem do divino imaculado em oposição ao humano, cujos instintos carnis se fazem valer durante a vida profana. Não podendo rejeitar a existência da impureza e da mácula, o Cristianismo acaba associando-as ao demoníaco:

O Cristianismo não podia até o fim rejeitar a impureza, não podia rejeitar a mácula. Mas ele definiu, à sua maneira, os limites do mundo sagrado: nessa definição nova, a impureza, a mácula, a culpabilidade eram colocadas fora desses limites. O sagrado impuro foi desde então relegado ao mundo profano. Nada pôde subsistir, no mundo sagrado do Cristianismo, que mostrasse claramente o caráter fundamental do pecado, da transgressão. O diabo — o anjo ou o deus da transgressão (da insubmissão e da revolta) — era expulso do mundo divino. Ele era de origem divina, mas na ordem das coisas cristãs (que prolongava a mitologia judaica) a transgressão não era mais o fundamento de sua divindade, e sim o de sua queda. [...]

O princípio da profanação é o uso profano do sagrado. A mácula podia, no seio do paganismo, resultar de um contato impuro. Mas é somente no Cristianismo que a existência do mundo impuro tornou-se em si mesma uma profanação. Havia profanação no fato de que a mácula existia, mesmo que as coisas puras não estivessem maculadas. (BATAILLE, 1987, p. 79).

Deste modo, a existência profana já é maculada, separada do sagrado. Mesmo o Diabo, que uma vez já pertenceu ao mundo sagrado como um anjo do Senhor, perde sua divindade e é renegado ao mundo profano. Há a separação entre o bem e do mal, ambos podendo ser profanos, mas apenas a santidade se ligava ao bem e a Deus:

O mal que há no mundo profano encontrou a parte diabólica do sagrado, e o bem encontrou a parte divina. O bem, qualquer que fosse o sentido de obra prática, captou a luz da santidade. A palavra santidade, primitivamente, designava o sagrado, mas esse caráter se ligou à vida consagrada ao bem, consagrada ao mesmo tempo ao bem e a Deus. (BATAILLE, 1987, p 80).

O Deus cristão não pode, portanto, ser mau, é apenas relacionado ao bem divino, completamente separado do diabólico e do profanado. Essa premissa é duramente questionada por José Saramago ao retratar o lado mais perverso do Senhor em suas obras. Apresentando Deus como um personagem cruel e sanguinário, especialmente nas obras estudadas, Saramago retoma a ambivalência dos seres, que podem ter características boas e ruins, aspecto, esse, mais humano do que divino.

Essas mudanças na forma de se encarar o caráter e definir o que seria considerado puro ou maculado afetam a sociedade como um todo, mas, principalmente, a participação do feminino nesse universo do sagrado e do profano. Tidas como representantes do sagrado em diversas culturas, as mulheres passam a representar o profano e o impuro após a ascensão do culto ao Deus judaico e o Cristianismo, como abordado a seguir.

2.1.1 O Feminino e o Sagrado

A imagem ligada ao feminino, como cita Cabreira (2006) é afetada de acordo com o ambiente, tanto social, político e religioso onde está inserida, ambientes que “tendem a distorcer ou desafiar suas condições como seres humanos” (CABREIRA, 2006, p. 10). A representação das mulheres segue padrões que refletem como o indivíduo é reconhecido pela sociedade em que habita.

Como cita Eliade (1992), a sacralidade da mulher era primeiramente associada ao culto à Terra *Mater*, a Mãe Universal:

O fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares. Foi ela que, naturalmente, se tornou proprietária do solo e das colheitas. O prestígio mágico-religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher tem um modelo cósmico: a figura da Terra Mãe. (ELIADE, 1992, p. 72).

À mulher, cabia o papel não só de mãe, mas era ligada ao sagrado, à natureza e aos instintos. Eram representantes da Grande Deusa e demais divindades ligadas ao feminino. “As mulheres, trazendo em sua essência a ideia de matriz, de ventre, estavam ligadas à terra e eram as eleitas para veicularem a mensagem divina, na medida em que a própria natureza as predispunha” (BARROS, 2012, p. 106).

Com a ascensão do Deus Judaico, uno e masculino, o feminino deixa seu lugar sagrado. Essa substituição e rebaixamento do feminino já é visto com as passagens do Antigo Testamento sobre a criação do mundo. Observamos dois relatos distintos, de acordo com Barros (1998), no primeiro, Adão é portador do princípio feminino e masculino, sendo formado à imagem de Deus: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gênesis, 1:27), no segundo relato, Adão é criado primeiro: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas [...]; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher” (Gênesis, 2:21-22). Para Barros (1998), o prevalecimento do segundo relato da criação mostra uma hierarquia entre os sexos:

Foi a partir deste *nascimento* que se atribuiu ao homem uma ligação direta com o divino, enquanto a mulher, formada de um osso humano, perdeu a antiga ligação com a divindade. Foi também a partir desse relato que se pôde apontar a superioridade masculina, reservando-se à mulher a sujeição, a submissão, na medida em que apresentaram-na como parte de um todo, derivação sem majestade do princípio masculino. (BARROS, 1998, p. 76, grifo da autora).

Além de representar o lado pecaminoso e desobediente do feminino, como será tratado no próximo capítulo, Eva atua como a mulher inferior ao homem, submissa a suas vontades por ter sido criada a partir dele, não tendo ligação com Deus.

Segundo Whitmont (1991, p. 144), a “androlatria e a misoginia refletem a ordem anterior a ascensão da ordem masculina, após destronar a ordem anterior, na qual o divino se manifestava nas formas e valores femininos”. No Cristianismo, essa aversão é refletida no “dito apócrifo atribuído a Jesus – ‘Vim para destruir os trabalhos da mulher’ -, assim como a condenação da ‘grande prostituta da Babilônia’, ‘a grande besta’ do Apocalipse de São João” (WHITMONT, 1991, p. 145). A imagem do feminino acaba por ser relacionada ao demoníaco, com exceção apenas da virtuosa mãe de Jesus.

Inferiores ao homem e relacionadas a qualidades que deveriam ser reprimidas, como a espontaneidade, a sexualidade e os desejos carnis, o feminino é reprimido e deve ser controlado:

O controle da natureza, interna e externa [...] assinala a vigência da fase patriarcal, mental. É a primeira fase e controle do ego, [...] São elementos básicos ao patriarcado e ao referencial androlático a rejeição e a

desvalorização (a) da divindade feminina (consequentemente, dos valores femininos); (b) dos impulsos naturais; (c) das emoções e desejos espontâneos. (WHITMONT, 1991, p. 88).

Condenado no Cristianismo, o erotismo e a sexualidade chegam a ser divinos em outras manifestações culturais e religiosas:

não devemos jamais esquecer que, fora dos limites do Cristianismo, o caráter religioso, isto é, o caráter sagrado do erotismo pôde aparecer às claras, com o sentimento sagrado dominando a vergonha. Os templos da Índia abundam ainda em figuras eróticas talhadas na pedra, onde o erotismo se dá pelo que ele é fundamentalmente: ele é divino. (BATAILLE, 1987, p. 88).

O controle dos instintos e a abdicação da sexualidade, que são características fortemente ligadas a duas das principais figuras do Cristianismo, Jesus e Maria, serão exploradas a diante. A sexualidade deixa de ser sacralizada para tornar-se impura e pecaminosa, destinada apenas ao mundo profano.

Para Ferraz (2012), essa rejeição e desvalorização do feminino e da sexualidade, no Cristianismo e Judaísmo, refletem um Deus misógino: “O Jeová do Velho Testamento nunca gostou de mulheres, muito menos do prazer sexual, a tal ponto que sua mãe no futuro, Maria, gerará um filho [...] sem a mácula do sêmen masculino” (FERRAZ, 2012, p. 236). Maria passa a servir de exemplo para o resto das mulheres, para “atingir o estado excelso ‘cujo valor é muito superior ao do rubi’, a ‘mulher virtuosa’ teria que confinar suas atividades e até seus sonhos à dimensão da maternidade, da vida familiar, da criação dos filhos” (WHITMONT, 1991, p. 142). A figura da Virgem Mãe ascende na cultura cristã como salvadora e modelo a ser seguido, embora a virgindade seja classificada diferentemente no Cristianismo do que era em outras culturas:

Virgem era a mulher que pertencia a si mesma, não a um homem. O termo nada tinha a ver com abstinência sexual ou castidade. A virgem era a *hieródula* (em grego, serva do Sagrado; desse termo foi cunhada a expressão “prostituta sagrada”). [...] Não se submetia a nenhum homem, mas, como soberana, agraciava o suplicante com a força renovadora da divindade através da sua união sexual com ele. [...] Dentro do sistema androlático, *virgo* acabou sendo *virgo intacta*, a mulher casta ou celibatária. Intacta significa “não tocada por coisa alguma que prejudique ou ofenda; ilesa”. Para ser adequada a dar continuidade à linhagem familiar patriarcal, uma “boa” mulher tinha que ser “boa parideira” e limitar o “uso” de seu corpo a seu senhor, do qual deveria ser uma propriedade. (WHITMONT, 1991, p. 155).

Além de Maria, a virgem escolhida por Deus dentre todas as mulheres por ser digna de gerar seu filho, observa-se o feminino representado em duas das principais religiões modernas, o Cristianismo e o Judaísmo, em imagens icônicas, pertencentes tanto à esfera do sagrado quanto do profano: Eva, a pecadora que condenou a humanidade; Lilith, transformada em demônio por desafiar a Deus, e Madalena. Das três, Madalena acaba por ser a única digna de perdão, outro modelo por ter abandonado sua vida de pecado para seguir o filho de Deus. “O Cristianismo elaborou um mundo sagrado, donde estão excluídos os aspectos horrendos e impuros” (BATAILLE, 1987, p. 89), entre eles, a prostituição. A mulher virtuosa era celebrada, ao passo que a pecadora que não seguia tais preceitos e virtudes era condenada.

2.2 O SAGRADO, A LITERATURA E SARAMAGO

Assim como discorre Eliade, Frye cita a presença do sagrado na cultura do homem moderno. Embora haja essa presença, torna-se cada vez mais difícil a sociedade moderna se inserir nas Escrituras. Como cita Auerbach (2001, p. 13), já que a função dessas Escrituras seria suplantando nossa realidade, se fazem necessárias novas interpretações. De acordo com Frye:

O homem vive, não diretamente ou nu na natureza como os animais, mas dentro de um universo mitológico, um corpo de suposições e crenças desenvolvido a partir de suas preocupações existenciais. A maioria deles é realizada inconscientemente, o que significa que a nossa imaginação pode reconhecer elementos da mesma, quando se apresenta na arte ou literatura, conscientemente, sem entender o que é que nós reconhecemos. Praticamente tudo o que podemos ver de corpo desta preocupação é socialmente condicionado e culturalmente herdado. Abaixo a herança cultural deve haver uma herança psicológica comum, caso contrário, as formas de cultura e imaginação fora de nossas próprias tradições não seriam inteligíveis para nós [...].

A Bíblia é claramente um elemento importante na nossa própria tradição imaginativa, não importando o que possamos pensar (e/ou) acreditar sobre ela. (FRYE, 1982, p. XVIII, tradução nossa).

O comportamento sagrado e a herança psicológica permeiam a sociedade moderna, não importando o que ela pense ou no que acredite. Embora tenha ocorrido uma ruptura na sociedade atual com as tradições de seus antepassados, a valorização do pensamento científico e do materialismo em detrimento do religioso, e uma

grande tendência ao declínio das identidades nacionais com a homogeneização das culturas por meio da globalização, o homem pós-moderno acaba, também, por se questionar a respeito das representações sagradas presentes na sociedade onde vive. Segundo Eliade (1992, p. 98), “o homem a-religioso no estado puro é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas”.

Como a sociedade ocidental recebe grande influência do Cristianismo, chegando a confundir a concepção de religião com essas crenças (ELIADE, p. 69), a literatura não poderia deixar de recebê-la. Segundo Northrop Frye, “a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro” (1973, p. 21). Analisar a Bíblia como objeto literário se faz, então, necessário para compreender como seu texto se apresenta ao leitor e como influencia o trabalho literário, como cita Frye: “Uma abordagem literária da Bíblia não é ilegítima: nenhum livro poderia ter tido tanta influência literária sem possuir qualidades literárias” (FRYE, 1982, p. XVI).

O texto bíblico apresenta características textuais distintas, mescladas em suas narrativas:

não deixa de ser natural que, mesmo nas partes lendárias do Velho Testamento, seja frequente a aparição de estruturas históricas; naturalmente não no sentido de que a tradição seja examinada quanto à sua credibilidade de maneira científico-critica; mas meramente de tal forma que não predomina no mundo lendário do Velho Testamento a tendência para a harmonização aplainante do acontecido, para a simplificação dos motivos e para a fixação estática dos caracteres, evitando conflitos, vacilações e desenvolvimento, como é próprio da estrutura lendária. (AUERBACH, 2013, p. 17-18).

Esse tipo de estrutura textual permite que a Bíblia seja capaz de dominar, de acordo com Auerbach (2013, p. 18), os âmbitos da lenda, do relato histórico e da teologia histórica exegética. O uso de tais formas textuais busca uma maior aceitação, ou imposição dessa aceitação, por parte do leitor, já que as características ligadas ao texto histórico dão maior credibilidade e aspecto de veracidade em comparação com a lenda que pode vacilar e se modificar com o tempo, criando novas versões, o que não seria adequado ao relato bíblico. Entretanto, tratar da Bíblia como um documento histórico, como cita Frye (1982), pode apresentar problemas, como discorre no trecho a seguir:

Considerar a Bíblia como histórica é uma questão mais complicada, mas não muitos discordariam de que ela conta uma história; e, para mim, as

duas frases “A Bíblia conta uma história” e “A Bíblia é um mito” são, essencialmente, a mesma frase.

[...] A cultura verbal de uma sociedade pré-discursiva consiste amplamente de histórias, mas, entre essas histórias emerge uma especialização em funções sociais que afeta algumas histórias mais do que outras. Determinadas histórias parecem ter um significado peculiar: são histórias que dizem a uma sociedade o que é importante saber, seja sobre deuses, sobre sua história, suas leis, ou sua estrutura social. Essas histórias podem ser chamadas de mitos em um sentido secundário, um sentido que as distingue de contos folclóricos – histórias contadas para entreter ou por outro propósito menos central. Elas, então, se tornam “sagradas” em detrimento das “profanas”, fazendo parte do que a tradição bíblica chama de revelação. Esta distinção pode não existir em muitas sociedades “primitivas”, mas geralmente se estabelece mais cedo ou mais tarde, e uma vez estabelecida pode persistir por séculos. Na Europa Ocidental, as histórias bíblicas tiveram um significado mítico desse tipo até, pelo menos, o século XVIII. Mítico, num sentido secundário, significa, portanto, o oposto de “não realmente verdadeiro”: significa ser carregado com seriedade e importância especiais. Histórias sagradas ilustram uma preocupação social específica; histórias profanas se relacionam mais distantemente com as preocupações sociais: algumas vezes, pelo menos em suas origens, nem se relacionam.

Mitos, em um sentido secundário, no entanto, e histórias folclóricas são igualmente histórias ou narrativas verbais, não existindo uma consistente diferença estrutural significativa entre elas. Também não há diferença significativa no seu conteúdo: histórias sobre deuses que são “críveis” ou são objetos de culto são suscetíveis a serem mitos, mas nem todos os mitos são histórias sobre deuses. As histórias sobre Sansão, no Livro dos Juizes, era míticas para a Europa Ocidental, pois pertenciam ao corpo central das lendas bíblicas sacrossantas. (FRYE, 1982, p. 32-33, tradução nossa).

Apesar de longa, a citação mostra-se bastante explicativa nesses sentidos: tanto os mitos bíblicos quanto as histórias folclóricas apresentam estruturas semelhantes e seu conteúdo pode fazer parte tanto de um quanto de outro, dependendo da apresentação dessa informação. As histórias presentes no Livro Sagrado, são, por exemplo, míticas, e não apenas folclóricas; por pertencerem a esse veículo, possuem um propósito maior do que o simples entretenimento do receptor. Certas passagens fazem parte do que Frye designa como “reminiscência histórica. Isto é, elas sem dúvida contêm um núcleo de história real, mas qual a base histórica que temos para a narrativa é uma outra questão” (FRYE, 1982, p. 39). Quanto à veracidade e o valor realmente histórico de tais histórias, Auerbach discorre:

Só que o narrador bíblico, o Eloísta, tinha de acreditar na verdade objetiva da história da oferenda de Abraão – a persistência das ordens sagradas da vida repousava na verdade desta história e de outras semelhantes. Tinha de acreditar nela apaixonadamente [...] O que ele produzia, portanto, não visava imediatamente, à “realidade” – quando a atingia, isto era ainda um meio, nunca um fim -, mas à verdade. [...] O mundo dos relatos das Sagradas Escrituras não se contenta com a pretensão de ser uma realidade

historicamente verdadeira – pretende ser o único mundo verdadeiro, destinado ao domínio exclusivo. (AUERBACH, 2013, p. 11).

Como cita o autor, os “relatos das Sagradas Escrituras não procuram o nosso favor, [...], não nos lisonjeiam para nos agradar e encantar – o que querem é nos dominar, e se nos negamos a isto, então somos rebeldes” (AUERBACH, 2013, p. 12). O discurso bíblico obriga o leitor a aceitá-lo como verdade, suplantando sua realidade de maneira a inseri-lo em sua própria, sendo histórica, lendária, ou uma fusão entre elas.

A rebeldia de não aceitar e questionar a Bíblia e os dogmas sociais e religiosos ligados a ela é uma das características mais marcantes do trabalho de José Saramago, que recria a realidade bíblica em *Caim* (2009) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991). Desde a infância, Saramago desafia determinados preceitos religiosos como quando, por curiosidade ou rebeldia, levanta sua cabeça durante a missa quando todos deveriam estar prostrados: “Precoce racionalista como já havia demonstrado naquelas tenras idades (basta recordar o herético episódio da missa, quando, ao chocalhar da sineta, erguia de esguelha a cabeça para ver o que não queriam que eu visse” (SARAMAGO, 2006, p. 81). Também questiona as atitudes de Deus ao castigar as pessoas, como na lenda da “costureira”, que fazia barulhos nas paredes de madeiras das casas:

A explicação que então me foi dada, fabulosa, como não poderia deixar de ser, foi que aquilo que estávamos a ouvir claramente ouvido era a consequência do triste fado de uma costureira ímpia que tinha trabalhado num domingo e que, por essa grave falta, havia sido condenada (acerca da identidade do juiz não ficará notícia) a coser roupa à máquina por toda a eternidade dentro das paredes das casas. Esta mania de castigar sem dó nem piedade qualquer cristão que precisasse de trabalhar ao domingo (SARAMAGO, 2006, p. 83).

Saramago não concebe nem a veracidade da lenda da costureira, nem a validade do castigo divino aplicado aos desobedientes ou infiéis.

A cultura cristã e o “texto bíblico, assim como a literatura, a música, os fatos históricos, a tradição popular do mundo ocidental são partes de uma cultura e, como tal, fazem parte da sua vida, e, por conseguinte, inserem-se naturalmente em sua escrita” (PINHEIRO, 2012, p. 86). Seu trabalho reflete toda a influência cultural e religiosa que teve durante sua vida, explorando-as de acordo com seus valores e ideais pessoais, no caso da religião, questionando-a.

Notamos, como cita Pinheiro (2012, p. 86-87), o grande uso da ironia por parte do autor ao tratar do Livro Sagrado, utilizando tal elemento como forma de ataque ao texto bíblico. Para Pinheiro (2012), a “ironia é o elemento que maior indício nos oferece da relativização do mundo, porque a sua intenção primária é a desmistificação do absoluto por meio de jogos de enganos proporcionados pelo seu modo peculiar de encenar a linguagem” (p. 87). Buscar a desmistificação do texto bíblico, tanto através da ironia de Saramago quanto pela simples humanização das figuras míticas bíblicas, é uma tendência da sociedade moderna, como cita Frye:

Somos, às vezes, instigados a “desmistificar” os Evangelhos com o intuito de fazê-los mais relevantes aos cânones modernos da credibilidade. [...] Seria interessante ver, se pudermos, como o Jesus “histórico” era, antes de seus ensinamentos serem envolvidos nas lendárias e míticas distorções de seus seguidores. Mas se tentarmos fazer isso com qualquer rigor, não sobrar nada dos Evangelhos. (FRYE, 1982, p. 41, tradução nossa).

Tal aniquilação dos Evangelhos pode ser um dos objetivos do autor português, principalmente nas jornadas de seus personagens contra Deus. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, José Saramago transforma o Jesus sagrado em um Jesus humano, desprovido das distorções atribuídas a ele por seus seguidores.

Os aspectos relacionados ao sagrado e ao texto bíblico aparecem na obra de Saramago na forma da, como denomina Koch (2007), intertextualidade das diferenças, na qual “um texto incorpora um outro texto, [...], para ridicularizá-lo, para mostrar sua improcedência ou, pelo menos, para colocá-lo em questão (como se verifica na paródia, na ironia)” (KOCH, 2007, p. 123). Esse aspecto também é descrito por Frye (1972) ao classificar as duas características necessárias à sátira: “uma é a graça ou humor baseado na fantasia ou num senso de grotesco ou absurdo, e outra destina-se ao ataque” (p. 220). Utilizando da ironia, Saramago dialoga com o texto bíblico satirizando-o ao questioná-lo, ou até ridicularizá-lo, modificando as premissas relacionadas aos principais personagens do Livro Sagrado. Discorrendo sobre a obra de Saramago e como o autor questiona o sagrado, Ferraz (2012) afirma:

Dentro do universo romanesco do escritor português, Deus é um tema central e recorrente, que se faz presente através da reescrita irônica, da paródia de episódios bíblicos, da intertextualidade com os Evangelhos, da estilização do discurso bíblico, da intrusão constante dos poderosos narradores oniscientes que imprimem um perfil específico para o *lahweh* de Saramago por meio de uma ironia mordaz, demonstrando uma antipatia em

relação a ele. Isso ocorre na elaboração de personagens masculinos como o médico Viegas, Padre Bartolomeu, Jesus Cristo e o Diabo que criticam a justiça de Deus e seus atributos; na construção de personagens femininas como Leonor, Blimunda e Madalena que questionam Deus e na criação de narradores intrusos que debatem constantemente o caráter divino. (FERRAZ, 2012, p. 254).

Essa ironia e paródia atacam e questionam o texto bíblico, como já citado anteriormente pelo excerto de Koch (2007). Bakhtin (1996) discorre sobre essa parodização por meio da carnavalização da cultura dominante pelas manifestações populares na Idade Média nos textos de Rabelais. Segundo Bakhtin, o “romance parodia os outros gêneros [...], revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros a sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (BAKHTIN, 1998, p. 399). Saramago parodia o discurso bíblico em suas obras, podendo ser associado à carnavalização.

A carnavalização “era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus”. (BAKHTIN, 1996, p. 8). O carnaval era a festa em que “todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e família entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar” (BAKHTIN, 1996, p. 9). O questionamento do divino e a paródia obtida nos enredos desprendem o autor, e possivelmente o leitor, dos tabus (como o sexual), hierarquias e dogmas da cultura que têm bases na religião.

Nessa paródia, há o rebaixamento grotesco, “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1996, p. 17), o sobrenatural é transferido para o mundo profano, representando o destaque do humano nas obras de Saramago. A paródia de Saramago busca não só questionar o sagrado, mas repensar o sistema hierárquico que envolve humano e divino, colocando-os em pé de igualdade, ou até a superação pelo profano.

Através da superação do divino pelo profano, Saramago também rejeita a figura do herói mítico, tanto clássico quanto bíblico. Frye (1982) declara que a Bíblia “não aceita a concepção grega do herói, a figura de tamanho sobre-humano, poder, descendência, e poder de articulação, que tantas vezes parece ter um destino divino quase ao seu alcance” (pg. 181, tradução nossa). A Bíblia rejeita a imagem do herói

grego e Saramago rejeita a figura divina do personagem bíblico. Bakhtin, quanto à literatura e a evolução da Epopeia ao Romance, apresenta o herói mítico como transformado em um homem comum. Para o teórico, o personagem do romance:

não deve ser “heroico”, nem no sentido épico, nem no sentido trágico da palavra: ele deve reunir em si tanto os traços positivos quanto os negativos, tanto os traços inferiores quanto os elevados, tanto os cômicos quanto os sérios. [...] O personagem deve ser apresentado não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui, que se transforma, alguém que é educado pela vida. (BAKHTIN, 1998, p. 402-403).

Podemos relacionar os personagens de Saramago com essas premissas do romance de Bakhtin. Transformados em profanos, eles apresentam características que evoluem com o enredo, questionam seus destinos e apresentam essa dualidade citada pelo teórico, como as características positivas e negativas, sentimentos inferiores e elevados. Jesus, por exemplo, deixa sua casa e modifica seu comportamento e crenças com a convivência com Pastor e Magdala, sofrendo por não poder controlar seu destino que está traçado por Deus.

Saramago revisita o passado mítico em suas obras transformando os personagens em profanos, abandonando suas imagens tradicionais e explorando as características retiradas de suas versões originais, como os sentimentos e desejos carnis, reprimidos nos textos sagrados. Tal valorização da figura humana, segundo Campbell, se dá na sociedade moderna pela repulsa à perfeição, ou seja, o imperfeito e o humano nos atraem:

O umbilical, a humanidade, aquilo que se faz humano e não sobrenatural e imortal – isso é adorável. É por essa razão que algumas pessoas têm dificuldade em amar a Deus; nele não há imperfeição alguma. Você pode sentir reverência, mas isso não é amor. É o Cristo na cruz que desperta nosso amor. (CAMPBELL, 1991, p. 16).

O maior questionamento do sagrado se dá pela sua superação pelo profano. A valorização do humano em detrimento do divino atrai a sociedade moderna e é um dos fios condutores da obra de Saramago. Os principais personagens das obras escolhidas acabam por ser os questionadores das atitudes de Deus: Caim, Eva e Lilith (humana, não divina), de *Caim* (2009); Jesus, Maria (que mesmo duvidando de seu filho e aceitando a vontade divina na obra, é despida de seu caráter santo), Maria de Magdala e Pastor (o Diabo transformado em humano).

Associado aos personagens humanos, encontramos o feminino com grande destaque na obra do autor. José Saramago tem como característica a utilização de personagens mulheres marcantes em seus romances; tais personagens representam “a humanidade desejada, [...], confrontadas com o modelo do homem, diante do qual se mostram mais fortes tanto na alma quanto nas ações” (AGUILERA, 2010, p. 260).

Observamos a preferência do escritor pelo gênero feminino em suas obras: “Sinto que as mulheres são, em regra, melhores do que os homens.” (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 262); suas personagens possuem características que as destacam dos demais, representando os ideais do autor a respeito da sociedade,

As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim. Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulta de que parte da humanidade em que eu ainda tenho esperança é a mulher [...] O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher. (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 262).

Tanto em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* quanto em *Caim* encontramos quatro personagens femininas principais, Maria e Maria de Magdala, no *Evangelho*, e Eva e Lilith, em *Caim*. Todas elas, figuras icônicas de duas das grandes religiões ainda presentes no mundo moderno, cristã e judaica. Embora figurem como mais fortes, não representam o rebaixamento absoluto dos personagens masculinos, como cita o autor: “Não quer dizer que em alguns casos o homem não fique próximo delas. Dizer que são mais fortes não significa grande coisa, mas são aquelas que têm o poder transformador” (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 268).

Tal poder transformador é observado nas personagens e em suas relações com o sexo oposto, principalmente nas figuras de Madalena e Lilith, que representam o poder e acabam, também, por influenciar as ações de seus parceiros, Jesus e Caim. Ligadas ao sagrado, o autor as apresenta, embora ainda com alguma relação com suas versões originais, como profanas, desafiando não só a tradição religiosa, mas também o papel feminino na sociedade.

O empoderamento do feminino questiona os papéis dados às mulheres após a substituição das sociedades matrifocais pelas patriarcais. De acordo com Whitmont (1991), a fase patriarcal tem como característica a rejeição e depreciação dos impulsos naturais, desejos espontâneos, emoções e os valores e divindades

femininas. “A espontaneidade natural, a sexualidade, os desejos da carne, a mulher e o Feminino, a dança e o jogo, tudo isso passa a ser poderes do adversário, Dionísio transformado em Diabo. São elementos temidos e reprimidos” (WHITMONT, 1991, p. 103).

Na obra de Saramago, não só o feminino é valorizado, pela própria preferência do autor, através de personagens fortes e com características de líderes – como Maria de Magdala, n’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Lilith, em *Caim* e outras como a mulher do médico, em *Ensaio sobre a cegueira*, Blimunda, de *Memorial do Convento* e Lídia de *O ano da morte de Ricardo Reis*, que, segundo o autor, são as personagens que sustentam cada uma de suas obras (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 265) –, mas os elementos temidos e reprimidos do feminino são mostrados como naturais e fatores de poder. Não só os instintos e a sexualidade são latentes em Eva, Maria de Magdala e Lilith, mas também a astúcia e a inteligência, como será tratado na análise das personagens a seguir.

Através dessas teorias, tanto a respeito do sagrado quanto da literatura, será realizada a análise das obras a partir dos personagens escolhidos: Jesus, Maria e Maria de Magdala; também Caim, Eva e Lilith. Será também observado como o autor os relaciona com suas versões originais, os papéis atribuídos a eles no questionamento do sagrado e como Saramago recria os personagens de acordo com seus ideais de valorização do humano.

3 O PROFANO E O SAGRADO EM *CAIM E O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*

Ateu e envolto no “materialismo marxista e no racionalismo voltairiano” (AGUILERA, 2010, p. 116), Saramago constata em nossa sociedade, principalmente sendo originário de um país onde a fé cristã, em especial a Católica, tem uma grande força, o “fator Deus, entendido como um fato cultural moldador das consciências e das comunidades” (AGUILERA, 2010, p. 116); dedica-se, então, a questionar esse forte traço cultural arraigado no ser humano. Segundo Aguilera (2010, p. 117),

Repudiava o fundamentalismo e a intolerância, a vontade de impor os dogmas próprios como códigos de conduta geral, assim como a intromissão que a Igreja pratica na vida civil e até política, agindo como um autêntico poder terreno. Contrapõe-se às concepções ontológicas de Deus, sustentava que o fenômeno divino é produto da imaginação - tudo está no cérebro, asseverava -, enquanto atribuía à nossa natureza mortal a fruição com que foi construída a necessidade de transcendência.

Valorizando o humano e combatendo o sagrado, Saramago recria em *Caim* (2009) e em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2010) o *Genesis* e os *Evangelhos* através dos pontos de vista dos personagens principais das narrativas, Caim e Jesus, apresentando, também, quatro personagens marcantes, Eva e Lilith em *Caim*; Maria e Maria de Magdala, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

O presente capítulo tem como objetivo a análise dos personagens através das teorias exploradas previamente, buscando deliberar sobre como cada um é apresentado pelo autor como forma de valorização do profano em detrimento do sagrado.

3.1 CAIM

A história de Caim é contada na Bíblia de forma curta e objetiva, mostrando seu nascimento como primogênito, “Adão conheceu Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: ‘Possuí um homem com a ajuda do Senhor’”

(Gênesis 4:1)¹, e sua profissão como agricultor. Ao oferecer os frutos de seu trabalho em oblação a Deus, Caim é ignorado enquanto Abel, seu irmão, é olhado com agrado ao oferecer os primogênitos de seu rebanho.

Caim disse então a Abel, seu irmão: "Vamos ao campo." Logo que chegaram ao campo, Caim atirou-se sobre seu irmão e matou-o. O senhor disse a Caim: "Onde está seu irmão Abel?" - Caim respondeu: "Não sei! Sou porventura eu o guarda do meu irmão?" O Senhor disse-lhe: "Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra. De ora em diante, serás maldito e expulso da terra, que abriu sua boca para beber de tua mão o sangue do teu irmão. [...] " O Senhor pôs em Caim um sinal, para que, se alguém o encontrasse, não o matasse. Caim retirou-se da presença do Senhor, e foi habitar na região de Nod, ao oriente do Éden. Caim conheceu sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. E construiu uma cidade, à qual pôs o nome de seu filho Henoc. (Gênesis 4:8-17).

Amaldiçoado e, ao mesmo tempo, protegido por Deus, Caim representa o primeiro assassino da história da humanidade, de acordo com a *Bíblia*, conhece sua esposa e origina sua linhagem que não cultua a Deus até o nascimento de Enos, filho de Set, "e o nome do Senhor começou a ser invocado a partir de então" (Gênesis 4:26). José Saramago conta essa história oculta de Caim após o personagem ter sido castigado pelo Senhor até seu derradeiro encontro a sós com Deus, após sua jornada em busca de vingança.

Saramago retrata um injustiçado Caim, que, ao ter sua oferta recusada por Deus, não só é desdenhado pelo Senhor, mas humilhado pelo irmão de quem havia sido amigo inseparável desde a infância. "Em lugar de se compadecer do desgosto do irmão e consolá-lo, escarneceu dele, e, como se isto ainda fosse pouco, desatou a enaltecer a sua própria pessoa, [...] como um eleito de deus" (SARAMAGO, 2009, p. 33). Tal cena veio a se repetir por uma semana, "sempre a falta de piedade de Abel, os dichotes de Abel, o desprezo de Abel" (SARAMAGO, 2009, p. 33), até que sua mágoa o leva ao fratricídio. "Foi nesse exacto momento, isto é, atrasada em relação aos acontecimentos, que a voz do senhor soou, e não só soou ela como apareceu ele" (SARAMAGO, 2009, p. 34).

Caim se rebela contra o sagrado já em sua primeira conversa com Deus, em que o contesta e o desafia:

¹ Será utilizada a versão Católica da Bíblia para a comparação com o texto de José Saramago, já que, possivelmente, foi a versão a qual o autor teve o maior acesso devido à forte cultura Católica de seu país de origem.

Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pôr à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infabilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles que dizem ter criado. (SARAMAGO, 2009, p. 34).

Para Caim, Deus se comporta de maneira infantil e soberba. Ao não aceitar sua oferta e preferir Abel, o Deus misericordioso mostra suas atitudes não condizentes à imagem pregada por quem ele havia criado. Caim se liberta da dominação do sagrado ao declarar que sua liberdade não pertence ao Senhor. Por não defender Abel da morte, Deus recebe a culpa pelo assassinato, como mostrado no seguinte diálogo entre Caim (em itálico) e Deus:

Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti [...] Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, Fala, É simples, matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devesses carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, [...] Não será assim, farei um acordo contigo, Um acordo com um réprobo, perguntou caim, mal acreditava no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de abel, Reconheces então a tua parte de culpa, Reconheço, mas não digas a ninguém, será um segredo entre deus e caim. (SARAMAGO, 2009, p. 35).

O homem consegue convencer o divino de sua condição de culpa. Mesmo condenado, condena também o Senhor no acordo a protegê-lo por onde quer que ande. O assassino é defendido pelo deus que o havia condenado.

Caim encontra a cidade de Nod e é tomado por Lilith como seu escravo amante, como será explorado no presente trabalho por meio da análise da personagem. Nesse período, Caim é levado através do tempo e espaço para episódios nos quais assiste ou chega a interferir na vontade de Deus perante a humanidade.

O primeiro episódio visitado por Caim foi o de Abraão e Isaac, quando o pai havia de sacrificar o filho. O narrador também participa e dialoga com o leitor nesse momento, expondo o comportamento humano como superior ao pedido de Deus:

O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, [...] O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão

tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim, [...] Quer dizer, além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso. (SARAMAGO, 2009, p. 79).

Ao obedecer a Deus, Abraão se rebaixa ao mesmo nível do Criador que, ali, não é considerado digno da adoração cega do humano. Caim encontra pai e filho a tempo de evitar o sacrifício, “Que vai você fazer, velho malvado, matar o seu próprio filho, queimá-lo, é outra vez a mesma história, começa-se por um cordeiro e acaba-se por assassinar aquele a quem mais se deveria amar” (SARAMAGO, 2009, p. 80). Em seguida, o anjo do Senhor aparece para impedir que Abraão assassine seu filho:

“Não levantes a mão contra o menino, não lhe faças nenhum mal, pois já vejo que és obediente ao senhor, disposto, por amor dele, a não poupar nem sequer o teu filho único, Chegas tarde, disse caim, se isaac não está morto foi porque eu o impedi” (SARAMAGO, 2009, p. 80).

Caim zomba do sagrado numa discussão sobre o atraso do anjo em salvar a vida de Isaac, o defeito na asa do anjo enquanto estava a caminho mostra o divino como imperfeito, incapaz, nesse caso, de realizar sua tarefa e colocando em risco a vida humana.

Saramago utiliza Caim nesse primeiro episódio da viagem pelo tempo como forma de questionar a obediência ao divino, com a crítica à atitude de Abraão e a validade do sagrado como forma superior, na conversa com o anjo, na qual promete as bênçãos de Deus pela lealdade do pai disposto a sacrificar seu filho:

Estas, para que não saiba ou finja ignorá-lo, são as contabilidades duplas do senhor, disse caim, onde uma ganhou, a outra não perdeu, fora isso não compreendo como irão ser abençoados todos os povos do mundo só porque abraão obedeceu a uma ordem estúpida, A isso chamamos nós no céu obediência devida, disse o anjo. (SARAMAGO, 2009, p. 81).

Caim questiona a índole do Senhor, o considera tanto bem quanto mal, já que há duplicidade em suas vontades. Isaac pergunta a seu pai: “Então o senhor é capaz de tudo, do bom, do mau e do pior, Assim é” (SARAMAGO, 2009, p. 82), levando à conclusão de que Deus, mesmo na falta do diabo nessa narrativa, é capaz de fazer o papel duplo, de bem e mau, benevolente e rancoroso, com destaque para as características más focadas na obra.

Caim é, então, levado à Babel, onde encontra uma algazarra de pessoas que não se compreendiam por falar diferentes línguas, fato que não acontecia no

passado, pois todas se utilizavam do mesmo idioma no passado. Encontrando alguém que falava hebraico, Caim indaga sobre a construção:

E depois, Depois decidimos construir uma cidade com uma grande torre, essa que aí está, uma torre que chegasse ao céu, Para quê, perguntou caim, Para ficarmos famosos, E que aconteceu, por que está a construção parada, Porque o senhor veio vê-la e não gostou, Chegar ao céu é o desejo de todo o homem justo, o senhor até deveria dar uma ajuda à obra. (SARAMAGO, 2009, p. 86).

O Deus cruel de Abraão agora é retratado como possuindo sentimentos humanos, sentimentos também considerados como falhas: “O ciúme é um grande defeito, em vez de ficar orgulhoso dos filhos que tem, preferiu dar voz à inveja, está claro que o senhor não suporta ver uma pessoa feliz” (SARAMAGO, 2009, p. 86). Ciumento, invejoso e egoísta são as qualidades do Deus responsável pela destruição, com seu sopro, da torre que chegaria ao céu. O sagrado se rebaixa por meio da inveja dos feitos do homem, não aceita a divisão da fama e do poder de chegar aos céus. “Muitos anos depois se dirá que caiu ali um meteorito, [...] mas não é verdade, foi a torre de babel, que o orgulho do senhor não consentiu que terminássemos” (SARAMAGO, 2009, p. 88).

Caim critica as atitudes destrutivas de Deus nos próximos dois episódios visitados, em que o Senhor mata culpados e inocentes sem a possibilidade de perdão ou salvação. Sodoma e Gomorra foram devastadas pelo fogo, mesmo após Deus prometer a Abraão que pouparia a cidade se ao menos dez inocentes fossem encontrados.

Penso que havia inocentes em sodoma e nas outras cidades que foram queimadas, Se os houvesse, o senhor teria cumprido a promessa que me fez de lhes poupar a vida, As crianças, disse caim, aquelas crianças estavam inocentes, Meu deus, murmurou abraão e a sua voz foi como um gemido, Sim, será o teu deus, mas não foi o delas. (SARAMAGO, 2009, p. 97).

Aos pés do Monte Sinai, homens e mulheres foram mortos como castigo pela construção de um ídolo de ouro.

Não bastavam sodoma e gomorra arrasadas pelo fogo, aqui, no sopé do monte sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, três mil homens mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro. (SARAMAGO, 2009, p. 101).

Caim questiona o poder e as virtudes do sagrado, mostrando seu lado mais sombrio. Deus deixa de ser justo e assume uma posição mais perversa e intolerante que é privilegiada pelo seu posto de divindade, “Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes, pensou caim” (SARAMAGO, 2009, p. 101). Remetendo à queda de Lúcifer, Caim declara a malignidade do Senhor em detrimento do, então considerado, Diabo: “Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito” (SARAMAGO, 2009, p. 101). Caim é maligno por matar seu irmão, ao passo que Deus é considerado benevolente mesmo “tendo matado” milhares.

A vingança declarada de Caim é cumprida ao exterminar o restante da humanidade que foi salva na arca após o dilúvio, outra maldade divina. Na impossibilidade de matar o Senhor, Caim destrói sua principal criação: a humanidade, que caso não se dedicasse cegamente à sua adoração era condenada à morte pelo rancor e inveja de Deus.

3.2 JESUS

O filho de Deus, figura principal do Cristianismo é apresentado na *Bíblia* nos *Evangelhos* de Marcos, Mateus, Lucas e João. Tradicionalmente tido como nascido de uma virgem, Jesus vem à Terra como Messias, para a salvação da humanidade.

Ele é deus e ao mesmo tempo um homem, no sentido em que ele é feito de carne e osso como todos os outros homens. Ele é o verbo que se materializou e veio junto da humanidade para que através de seu próprio sacrifício essa pudesse ser redimida de seus pecados: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo, 1, 14). (SOUZA, 2007, p. 23).

Jesus é retratado na *Bíblia* em passagens ocorridas na sua infância e vida adulta, ocultando grande parte de sua história. Aos doze anos, vemos a primeira manifestação por parte da criança a respeito de sua missão divina na Terra. Ao perderem seu filho em Jerusalém, Maria e José o encontram, três dias depois, no templo junto aos doutores, causando admiração aos que o ouviam:

Quando eles o viram, ficaram admirados. E sua mãe disse-lhe: Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição.

Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? (Lucas 2:48-49).

Já adulto, Jesus é batizado por João e a revelação da glória de Deus é feita. Jesus então começa seu ministério.

Quando todo o povo ia sendo batizado, também Jesus o foi. E estando ele a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e veio do céu uma voz: Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição. Quando Jesus começou o seu ministério, tinha cerca de trinta anos, e era tido por filho de José. (Lucas 3:21-23).

Jesus assume sua missão, passando por provações como os quarenta dias no deserto, “Cheio do Espírito Santo, voltou Jesus do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo demônio durante quarenta dias” (Lucas 4:1-2), e pregar a palavra de Deus, “É necessário que eu anuncie a boa nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois essa é a minha missão” (Lucas 4:43). Foi crucificado para a remissão dos pecados da humanidade, ressuscitou e foi levado ao céu: “Depois que o Senhor Jesus lhes falou, foi levado ao céu e está sentado à direita de Deus” (Marcos 16:19).

Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* vemos um Jesus diferente do divino filho de Deus presente no Livro Sagrado. A versão profana do Salvador não atua como o Messias desde a sua infância. Nascido de um lar comum e através da relação sexual de Maria e José, relação que será discutida posteriormente quando tratarmos da personagem Maria, Jesus não tem contato com Deus até que sai de casa e passa a morar com Pastor.

A convivência com Pastor é a primeira situação que começa a afastar Jesus do sagrado e aproximá-lo do profano. Jesus se torna pastor de ovelhas, assim como é considerado pastor de homens na tradição cristã. Jesus descobre que Pastor é um anjo, não um anjo do Senhor por não o bendizer e cantar as glórias de Deus, mas tem um comportamento que impressiona Jesus, que não está acostumado à liberdade do colega de trabalho e moradia:

O que primeiro Jesus estranhou de todo foi que, saídos da caverna para a madrugada, não tivesse Pastor procedido como ele procedera, bendizendo a Deus por aquelas coisas que sabemos, [...] Passou-se o dia e nada de bênçãos, veio a noite, dormida ao relento, num descampado, e nem a

majestade do céu de Deus foi capaz de acordar na alma e na boca de Pastor uma só palavrinha de louvor e gratidão.” (SARAMAGO, 2010, p 191).

Jesus, guardando em si a cultura de adoração ao Senhor, não aceitando a atitude de Pastor, decide ir embora. Jesus (destacado em itálico) avisa Pastor de sua partida: “*Parto porque não devo viver ao lado duma pessoa que não cumpre as suas obrigações para com o Senhor, [...] Não sou judeu, não tenho de cumprir obrigações que não são minhas*” (SARAMAGO, 2010, p. 192). Escandalizado, Jesus (em itálico) proclama que só o Senhor é Deus, provocando raiva em Pastor, “*Deus não dorme, um dia te punirá*, Ainda bem que não dorme, dessa maneira evita os pesadelos do remorso, [...] Não tenho deus, sou como uma das minhas ovelhas” (SARAMAGO, 2010, p. 192). Jesus, mesmo ameaçando a partida, decide permanecer ao ouvir de Pastor sobre sua história e os pesadelos herdados de José.

Pastor obriga Jesus a refletir sobre a valorização de seu corpo e o que considera pecado condenado por Deus quando afirma que do mesmo modo que Jesus (em itálico) levanta as mãos para glorificar o Senhor, poderia levantar o que tem entre as pernas:

Há alguma parte do teu corpo que tenha sido criado pelo Diabo, *Não, o corpo é obra de Deus*, Então todas as partes do teu corpo são iguais perante Deus, *Sim*, Poderia Deus rejeitar como obra não sua, por exemplo, o que tens entre as pernas, Suponho que não, [...] *Queres obrigar-me a dar-te respostas que te convêm, e eu recito-te, se for preciso, todos os casos em que o homem, porque assim ordenou o Senhor, não poderá, sob pena de contaminação e morte, descobrir uma nudez alheia ou a sua própria, prova de que essa parte do corpo é, por si mesma, maldita*, Não mais maldita do que a boca quando mente e calunia, e ela serve-te para louvares o teu Deus antes da mentira e depois da calúnia. (SARAMAGO, 2010, p. 195-196).

Como citado anteriormente, Bataille (1987) discorre sobre a segregação do impuro à esfera do profano. A castidade, que mantém o corpo puro, é vista como característica digna do sagrado, a sexualidade é associada ao demoníaco, vindo a ser condenada pela Igreja. Saramago questiona essa condenação do sexual através do discurso de Pastor, que questiona a censura atribuída por Deus a algo que ele próprio havia criado.

Ao ser obrigado a sacrificar um cordeiro a Deus, Jesus questiona as leis do Senhor, “Jesus apertou o cordeiro contra o peito, não compreende por que não aceita Deus que no seu altar se derrame uma concha de leite, [...] ou nele se

espalhe, com um gesto semeador, um punhado de trigo” (SARAMAGO, 2007). Nota-se a primeira diferença entre o Jesus bíblico e o Jesus do novo *Evangelho*, este começa a indagar as vontades do Criador, comportamento não aceitável para o Messias.

Jesus não sacrifica seu cordeiro no ritual de oferta, mas vem a sacrificá-lo na presença de Deus no deserto, quando faz um acordo com o Senhor, sua vida em troca de poder e glória. Percebe-se que Jesus se mostra reticente quanto a aceitar cegamente a oferta do Senhor, questiona que tipo de poder receberá, e chora ao ter que matar seu animal.

Quando Jesus chegou ao campo, Pastor olhou-o fixamente e perguntou, A ovelha, e ele respondeu, Encontrei Deus, Não te perguntei se encontraste Deus, perguntei-te se achasse a ovelha, Sacrifiquei-a, Porquê, Deus estava lá, teve de ser. Com a ponta do cajado, Pastor fez um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fogo, depois disse, Não aprendeste nada, vai. (SARAMAGO, 2010, p. 220).

Expulso por Pastor, Jesus peregrina de volta à sua casa. No caminho, ao passar pelo rio Jordão, ouve o canto de uma mulher, “nua, deitada de costas sobre a água, os peitos duros levantados fora dela, o púbis negro soerguendo-se na ondulação” (SARAMAGO, 2010, p. 223). O apelo sexual se apresenta como um desafio aos valores de Jesus, que se mantinha casto, como visto em sua convivência com Pastor. “O corpo de Jesus deu um sinal, inchou no que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e a todos os animais” (SARAMAGO, 2010, p. 224). Notamos que a escolha de vocabulário por parte do autor para descrever a reação de Jesus reforça a ideia tanto da sexualidade como característica intrínseca do humano e também do instinto mais selvagem e primitivo que ainda pertence ao comportamento do homem. O filho de Deus agora começa a ser despido de sua castidade imaculada e se comporta como profano.

Jesus finalmente perde sua castidade ao conhecer Maria de Magdala, seu instinto é novamente invocado ao sentir o odor dos perfumes da prostituta que o inebriava (SARAMAGO, 2010, p. 230). Passou uma semana conhecendo os prazeres da carne junto da mulher que se tornaria sua companheira. A sexualidade ligada ao casal será tratada na seção destinada à Maria de Magdala.

O que podemos observar a respeito da relação de Jesus com sua companheira é a modificação da versão original bíblica não só a respeito da

sexualidade do filho de Deus, mas também de seu comportamento. O líder da nova religião que pregava a palavra do Senhor também através de milagres realizados em nome de Deus passa a dividir seu poder de decisão com sua companheira que lhe aconselhava. Embora Jesus tenha aparecido, segundo Barros (1998), incluindo as mulheres em seu círculo de seguidores, produzindo, assim, “a primeira ferida narcísica no orgulho masculino” (p. 104), e, conseqüentemente, nos preceitos de uma sociedade patriarcal, a imagem que obtemos da versão bíblica não se compara ao Jesus de Saramago, como observamos na seguinte passagem onde Jesus dialoga com seus irmãos, não aceitando que sua esposa se retire para que não ouça os assuntos dos homens, passagem a ser explorada na seção destinada à Maria de Magdala: “Não há na minha alma um pensamento que não conheças, é portanto justo que saiba que pensamentos teve minha mãe a meu respeito, assim poupar-me-ás o trabalho de tos contar depois” (SARAMAGO, 2010, p. 271). Maria de Magdala era sua confidente, conselheira e seu refúgio: “refugiava-se no corpo de Maria de Magdala como se entrasse num casulo donde só poderia renascer transformado” (SARAMAGO, 2010, p. 291).

Durante sua convivência com Maria, após abandonar definitivamente sua família, Jesus começa a realizar seus milagres advindos dos poderes cedidos por Deus. A partir do acordo que fez com o Senhor, recebe habilidades sobrenaturais em troca de poder e glória, “não por delegação ou outorga, claro está, apenas emprestados, e com a condição de fazer deles bom uso” (SARAMAGO, 2010, p. 278). Jesus deixa de ser visto na obra apenas como um homem comum e se liga à versão original bíblica, como detentor de poderes divinos.

Seus milagres, embora parecidos com os da história bíblica, como o aparecimento dos peixes durante a pesca, a transformação da água em vinho, a multiplicação dos pães e a cura dos enfermos, são mostrados de forma diferente por Saramago, alguns são modificados de forma a explorar o lado possível de falha do filho de Deus.

Notamos três passagens que evocam o lado humano e falho de Jesus. A primeira trata da expulsão da legião de demônios por Jesus Cristo. Assim como na Bíblia, Jesus expulsa os demônios do homem para que possuíssem uma vara de porcos e tem que deixar o local a pedido da população.

Manda-nos para os porcos e entraremos neles. Jesus pensou e pareceu-lhe que era uma boa solução, considerando que aqueles animais deviam ser pertença de gentios, uma vez que a carne do porco é impura para os judeus. A ideia de que, comendo os seus porcos, poderiam os gentios ingerir também os demónios que dentro deles estavam e ficar possessos, não ocorreu a Jesus, [...] Os espíritos impuros, excitadíssimos, esperavam a resposta de Jesus, faziam apostas, e quando ela veio, Sim, podem passar para os porcos, deram em unísono um grito descarado de alegria e violentamente, entraram nos animais. Fosse pelo inesperado do choque, fosse por não estarem habituados a andar com demónios dentro, o resultado foi enlouquecerem todos num repente e lançarem-se do precipício abaixo, os dois mil que eram, indo cair ao mar, onde morreram afogados todos. [...] os porqueiros, furiosos, atiravam de longe pedras a Jesus e a quem estava com ele (SARAMAGO, 2010, p. 296-297).

Saramago transforma essa passagem em um acontecimento cômico, criticando o bom senso e a ingenuidade do filho de Deus, expulso a pedradas pelos habitantes do local. O Jesus benevolente que veio ao mundo para salvar a humanidade não se preocupa com os gentios que podem vir a ser possuídos pelos maus espíritos, também não considera o prejuízo e o transtorno que possa causar aos gentios, cujos porcos foram escolhidos por não serem propriedades de judeus. Inquieto, Jesus solta uma gargalhada e grita para o céu:

Escuta-me, ó Senhor, ou tu escolheste mal o filho que disseram que eu sou e há-de cumprir os teus desígnios, ou entra os teus mil poderes falta o duma inteligência capaz de vender a do diabo, Que queres dizer, perguntou João, aterrado pelo atrevimento da interpelação, Quero dizer que os demónios que moravam no possesso estão agora livres (SARAMAGO, 2010, p. 297).

A ingenuidade do salvador ao aceitar a proposta dos demônios sem pensar nas consequências é sinalizada por Saramago, despindo o filho de Deus de sua sabedoria e poder sobre o mal. O próprio Jesus questiona a sabedoria de seu pai e a sua própria capacidade de vencer o diabo.

A segunda quando Jesus, num momento de raiva (uma característica profana e instintiva) condena uma figueira a não dar frutos por estar com fome e não encontrar figos,

pois não era tempo de figos. Disse então, Nunca mais nascerá frutos de ti, e naquele mesmo instante secou a figueira. Disse Maria de Magdala, que com ele estava, Darás a quem precisar, não pedirás a quem não tiver. Arrependido, Jesus ordenou à figueira que ressuscitasse, mas ela estava morta. (SARAMAGO, 2010, p. 302).

A sabedoria de Jesus é questionada em dois pontos, o primeiro, por querer os frutos da árvore e condená-la mesmo não sendo estação de figos. O segundo, quando Maria se mostra mais benevolente e sábia que seu companheiro.

A terceira passagem a evocar o lado falho e humano de Jesus também mostrando Maria como mais sábia e sensata, se dá quando, assim como na Bíblia, vai ressuscitar Lázaro, irmão de Magdala na versão de Saramago. Jesus é impedido de realizar o milagre por sua companheira. Saramago declara:

[Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*], quando Jesus vai ressuscitar Lázaro, Maria de Magdala o segura, dizendo: “Ninguém pecou tanto que mereça morrer duas vezes”. Só uma mulher é capaz de compreender que não tem sentido ressuscitar se tens de morrer de novo. (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 266-267).

Vemos o próprio autor declarando a superioridade de Maria de Magdala quanto à tomada de decisões, influenciando seu companheiro. Jesus é mostrado não só como humano, mas sua sabedoria é reforçada como inferior a sua companheira, questionando a superioridade do divino em relação ao profano.

Após passar quarenta dias em um barco no meio da neblina, diferentemente da Bíblia onde Jesus se exila no deserto, conversando com Deus e o Diabo (o defensor da humanidade), que aparecem como quase idênticos na aparência, Jesus decide assumir seu destino e planeja com seus discípulos como se entregar a Poncio Pilatos, reforçando que era um homem comum a ser condenado:

Um simples homem, sim, mas um homem que se tivesse proclamado a si mesmo rei dos Judeus, que andasse a levantar o povo para derrubar Herodes do trono e expulsar da terra os romanos, isto é o que vos peço, que corra um de vós ao Templo a dizer que eu sou esse homem, e talvez que, se a justiça for rápida, não tenha a de Deus tempo de emendar a dos homens, como não emendou a mão do carrasco que ia degolar João. (SARAMAGO, 2010, p. 367).

Judas é o único a se voluntariar para o trabalho de delator, sendo abençoado por Jesus por ser o responsável pelo cumprimento da vontade de Deus.

Jesus, o Rei dos Judeus e salvador da humanidade é condenado como um homem comum. Saramago o mostra durante sua trajetória na narrativa como um homem perturbado por pesadelos e que não se encaixava na sociedade em que foi criado, se tornando aprendiz do Pastor e da prostituta que se torna responsável por grande parte de suas decisões e é vista pelo filho de Deus como protetora e

acolhedora para seu sofrimento, quando ninguém mais acreditara em suas palavras. Profano e imperfeito, Jesus morre condenando Deus, pedindo perdão aos homens: “subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez” (SARAMAGO, 2010, p. 374).

3.3 EVA E LILITH – AS PRIMEIRAS MULHERES A SE LEVANTAREM CONTRA DEUS

Duas das principais personagens sagradas associadas à criação da humanidade por Deus, Eva e Lilith, são recriadas por José Saramago em *Caim* (2009), adquirindo novas características e histórias. Pecadora e demônio se tornam profanas e, na história do *Gênesis* de Saramago, são as primeiras mulheres a questionarem o poder de Deus.

3.3.1 Eva

Tradicionalmente tida como esposa de Adão e, de acordo com o Cristianismo, a primeira mulher criada diretamente por Deus, Eva simboliza a imagem da primeira pecadora, a que condenou a humanidade através da sua desobediência, conforme explicita Barros:

O pecado de Eva, sua desobediência e a convivência de Adão serão responsáveis pela queda, que também atingirá seus descendentes. Os judeus ortodoxos, e mais tarde os cristãos ortodoxos, através de uma leitura literal transformaram o Gênesis numa história com ensinamento moral e a transmitiram como um manual de comportamento, no qual Eva passou a encarnar a porta do demônio (afinal, foi ela quem deu ouvidos à serpente). Essa condenação de Eva atingiria todas as mulheres. Eva foi conectada às sensações, aos sentidos, elemento feminino, em que o corpo, visto como inferior, era a fonte das múltiplas paixões. (BARROS, 1998, p. 83).

Criada a partir de uma costela retirada de Adão, Eva “apareceu roubada em sua divindade” (BARROS, 1998, p. 82). De acordo com Barros (1998, p.83), Eva, após sucumbir ao pecado, é depreciada por ser portadora de um corpo inferiorizado e obedecer apenas aos sentidos, ao passo que Adão continua a representar a

imagem de Deus, ligado à mente e à razão. Ligada ao profano, “Eva é a mãe deste mundo temporal” (CAMPBELL, 1991, p.57), retira a humanidade do tempo e local sagrados, o Éden; aparece tanto “como porta para o inferno e Mãe da humanidade.” (BARROS, 1998, p. 83).

Na *Bíblia*, encontramos Eva nos capítulos II, III e IV do livro do Gênesis. Sem ser descrita fisicamente, foi criada a partir da costela de Adão para servir-lhe de companhia, “uma ajuda que lhe fosse adequada” (Gênesis 2:20). Eva é enganada pela serpente, comendo do fruto proibido e, dando-o a seu marido, conhece o bem e o mal e seus olhos se abrem para a vergonha da nudez. Ao defender-se perante Deus, que a questiona sobre o porquê havia desobedecido, ela apenas acusa a serpente: “A serpente enganou-me, - respondeu ela - e eu comi” (Gênesis 3:13). A primeira mulher é então castigada: “Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio” (Gênesis 3:16). Nota-se a condenação do comportamento instintivo e dos desejos da personagem, além do seu rebaixamento perante o controle de seu marido. Após dar a luz a Caim, a história de Eva é encerrada.

No romance de Saramago, *Caim*, embora com uma história semelhante, Eva é representada de maneira diferente da versão bíblica. Chamada por Ferraz (2006) de “Mãe da filosofia”, Eva tem como característica principal sua inteligência, usada em seu benefício no convívio com o divino; o humano tenta ser mais astuto que Deus e seus anjos, deseja conhecer as razões do trabalho de Deus, “Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deverá dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim” (SARAMAGO, 2009, p. 22). Se Eva é a fundadora da filosofia, a Adão “talvez caiba a fundação da Teologia, ele crê e fé não exige argumentos nem explicações. Não duvida, não raciocina” (FERRAZ, 2006, p. 236). Adão aceita o sagrado, Eva o enfrenta e o questiona, “Estás louca, Melhor louca que medrosa” (SARAMAGO, 2009, p. 22).

Ao contrário da história contada no Livro Sagrado, a nova Eva argumenta e tenta se defender quando o Senhor a culpa por ter comido a maçã; acusa a serpente de tê-la influenciado em sonho. Notamos aí que Eva começa a usar de sua inteligência a seu favor, tentando persuadir o Senhor da veracidade de sua história, acentuando a ira divina.

A serpente enganou-me e eu comi, Falsa, mentirosa, não há serpentes no paraíso, Senhor, não digo que haja serpentes no paraíso, mas digo sim que tive um sonho em que me apareceu uma serpente, e ela disse-me, [...], As serpentes não falam, quando muito silvam, disse o senhor, A do meu sonho falou, E que mais disse ela, pode-se saber, perguntou o senhor, esforçando-se por imprimir às palavras um tom escarinho nada de acordo com a dignidade celestial da indumentária. (SARAMAGO, 2009, p.17).

Eva decide desobedecer a lei divina após seu suposto sonho no qual a serpente a diz que não morreria se comesse do fruto proibido e conheceria o bem e o mal, como Deus; “E que fizeste, mulher perdida, mulher leviana, quando despertaste de tão bonito sonho, Fui à árvore, comi do fruto e levei-o a adão” (SARAMAGO, 2009, p. 17). Na *Bíblia*, ao comer do fruto proibido, Eva e Adão abrem seus olhos, “Tendo conhecido o bem e o mal, o homem tornou-se semelhante a um deus” (SARAMAGO, 2009, p. 18). José Saramago expõe o homem como já tendo seus olhos abertos, Adão e Eva já possuíam o conhecimento que Deus buscava guardar para si.

[...] o senhor fez aparecer umas quantas peles de animais para tapar a nudez de adão e eva, os quais piscaram os olhos um ao outro em sinal de cumplicidade, pois desde o primeiro dia souberam que estavam nus e disso bem se haviam aproveitado. (SARAMAGO, 2009, p. 18).

Vemos não só o humano se equiparando a Deus desde a sua criação, mesmo que imperfeita, segundo a narrativa de Saramago, mas também a superação do sagrado ao enganá-lo.

Assim como na versão bíblica, Eva também sofre seu castigo do sofrimento no parto e sua submissão a seu companheiro por ordem divina, “Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou eva, e fez cara de quem não havia dito nada” (SARAMAGO, 2009, p. 22). Decide ir até o Éden pedir ao querubim a permissão de colher frutas no jardim, contrariando sua prévia expulsão. Eva finalmente se liberta da opressão e controle do dito Senhor e de seu marido.

Era como se dentro de si habitasse uma outra mulher, com nula dependência do senhor ou de um esposo por ele designado, uma fêmea que decidira, finalmente, fazer uso total da língua e da linguagem que o dito senhor, por assim dizer, lhe havia metido boca abaixo. (SARAMAGO, 2009, p. 23)

O divino se rende ao humano e sua sexualidade quando Eva decide tomar suas próprias decisões e buscar seu próprio benefício por meio da sedução de Azael. Eva usa de seu corpo e inteligência para convencer Azael a fornecer comida e informações:

Eva tinha vencido a batalha dialéctica, agora só faltava a da comida. Disse o querubim, Vou trazer-te alguns frutos, mas tu não o digas a ninguém, A minha boca não se abrirá, em todo o caso o meu marido vai ter de saber, Volta com ele amanhã, temos que conversar. Eva retirou a pele de cima dos ombros e disse, Usa isto para trazeres a fruta. Estava nua da cintura para cima. A espada silvou com mais força como se tivesse recebido um súbito afluxo de energia, [...] Eva sorriu, pôs a mão sobre a mão do querubim e premiu-a suavemente contra o seio [...] O anjo havia entrado no jardim, demorou-se lá o tempo necessário para escolher os frutos mais nutrientes, outros ricos em água, e voltou ajojado sob uma boa carga. (SARAMAGO, 2009, p.26).

Eva se torna superior às ordens de Deus, Azael as desobedece em benefício da mulher. O humano passa a ser superior e mais astuto que o anjo divino com desejos carnis que se rende aos encantos de Eva.

Recriada por Saramago, a primeira mulher adquire uma nova imagem, deixa de ser apenas a companheira pecadora de Adão, submissa ao Senhor e a seu esposo, enganada pela serpente sem ter julgado suas ações e a possibilidade de vontade própria. Eva se torna dona de suas ações e questiona o poder de Deus e de seu marido instituído, mesmo sem rebelar-se abertamente contra eles. Nasce dentro de si uma nova consciência livre do controle divino, decide por si mesma e tenta se equiparar ou até mesmo superar o sagrado. Temos em Eva não apenas a primeira tentativa humana de superação do divino, mas a valorização do racional e a primeira a se utilizar de sua sexualidade, valorizada na obra de Saramago em detrimento do discurso bíblico, em suas artimanhas; o racional contra a fé - Eva e Adão - e o racional dando poder ao humano, profano e liberto da subjugação imposta pelo sagrado.

3.3.2 Lilith

Assim como Eva, encontramos, também, Lilith sendo retratada na narrativa de Saramago, que a coloca em posição dominante e poderosa como dona da cidade de Nod, onde Caim encontra trabalho e abrigo em seus temidos e lascivos braços.

Conhecida nas escrituras hebraicas como um demônio da noite, Lilith figura como uma das principais imagens sagradas relacionadas ao feminino. Seu mito “pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística” (SICUTERI, 1991, p. 7), a qual precede a versão bíblica dos sacerdotes. Na Cabala, Lilith é considerada a primeira mulher de Adão, como demonstrado no seguinte comentário cabalístico sobre o Pentateuco: “Deus então criou Lilith, a primeira mulher, assim como havia criado Adão, mas usando fezes e imundície ao invés do pó puro” (GRAVES, *apud*. SICUTERI, 1991, p. 10).

O mito é arcaico e anterior à redação da *Bíblia*, também ao mito de Eva, e, de acordo com Sicuteri (1991), pode-se considerá-la, então, a primeira mulher de Adão. O fato particular a respeito de sua imagem é que “Lilith entra no mito já como demônio, uma figura de saliva e sangue, um verdadeiro espírito deixado em estado informe por Deus; é a companheira que apresenta fortes traços de fatalidade” (SICUTERI, 1991, p. 11).

Lilith é associada à sexualidade e à lascívia. Recusando-se a se submeter hierarquicamente e sexualmente a Adão, pedindo para ser considerada igual, diz, irada, o nome de Deus e se afasta do marido.

No momento crucial no qual Adão lhe negou o desejo, ela fugiu em direção ao Mar Vermelho, agora odiosa a seu esposo. Jeová Deus proferiu sua ordem: “O desenho da mulher é para o marido. Volta a ele”. Lilith não responde com a obediência, mas com a recusa: “Eu não quero mais ter nada a ver com meu marido” [...]. Então Jeová Deus manda em direção ao Mar Vermelho uma formação de Anjos. Eles alcançam Lilith: acham-na nas charnechas desertas do Mar Árabe, onde a tradição popular hebraica diz que as águas chamam, atraindo como imã, todos os demônios e espíritos malvados. Lilith se transforma: não é mais a companheira de Adão. É o demônio manifesto, está rodeada por todas as criaturas perversas saídas das trevas. Está num lugar maldito onde se reproduzem espinhos e abrolhos [...] e os sátiros se chamam uns aos outros em lascivas seduções orgiásticas. (SICUTERI, 1991, p. 16).

Semelhante ao mito, a personagem de Saramago também é apresentada como a perigosa sedutora, “É lilith, a dona do palácio e da cidade, oxalá não ponha os olhos em ti, oxalá, Porquê, Contam-se coisas, Que coisas, Diz-se que é bruxa, capaz de endoidecer um homem com seus feitiços” (SARAMAGO, 2009, p. 51). É encontrada por Caim em sua peregrinação, após matar seu irmão, na cidade de Nod, onde é rainha. Caim começa a trabalhar como pisador de barro, usando o

nome de Abel, mas logo é retirado desse posto para ser guarda da porta do quarto de Lilith, após ter passado por uma iniciação orgiástica com duas servas da rainha, e seu escravo sexual. Ao invés do demônio, Lilith é apenas humana.

Ao transformar Lilith em humana, Saramago a retira do mundo sagrado para colocá-la no mundo profano, fazendo-a representar todas as mulheres e seus desejos, “Eu sou todas as mulheres, todos os nome delas são meus, disse lilith” (SARAMAGO, 2009, p. 126). Novamente, assim como Eva, Lilith representa o poder do feminino perante o homem e Deus, “lilith, quando finalmente abrir as pernas para se deixar penetrar, não estará a entregar-se, mas sim a tratar de devorar o homem a quem disse, Entra” (SARAMAGO, 2009, p. 59). Dominadora e insubordinada, Lilith tem total controle de seus atos, diferente de Eva, condenada a ser dominada pelo marido e pela vontade do Senhor. Saramago também a transforma em companheira de Caim, diferentemente da lenda original na qual Lilith era a primeira esposa de Adão. Saramago une Caim e Lilith, o primeiro homem e a primeira mulher, segundo as tradições judaica e cristã, a se rebelarem contra Deus.

A sexualidade é a característica principal, mais latente do que em Eva, associada a Lilith, tanto a mitológica quanto a versão de Saramago. Em uma, se torna sua condenação, na outra, seu instrumento de poder. Mesmo casada, comete o adultério buscando não só um filho para Noah, o marido infértil que é obrigado a se resignar, mas também sua satisfação sexual, característica reprimida pela tradição cristã, chegando a ser condenada na Inquisição, como representação do ódio pela mulher, ser imperfeito criado a partir de Adão. “Esse ódio à mulher misturou-se na Inquisição e no *Malleus* à atração mórbida por ela devido à sexualidade culturalmente reprimida e à sua desvalorização na Igreja” (BYINGTON, 2002, p. 35).

Notamos o empoderamento de Lilith sobre Caim em suas noites de prazer, em que não há a repressão da sexualidade feminina, o homem se torna um objeto:

Caim já entrou, já dormiu na cama de lilith, e, por mais incrível que pareça, foi a sua própria falta de experiência de sexo que o impediu de se afogar no vórtice de luxúria que num só instante arrebatou a mulher e a fez voar e gritar como possessa. Rangia os dentes, mordida a almofada, logo o ombro do homem, cujo sangue sorveu [...] Não dormiram muito nessa primeira noite os dois amantes. Nem na segunda, nem na terceira, nem em todas as que se seguiram. Lilith era insaciável, [...] bem poderia dizer-se que estavam, um e outro, no paraíso do alá que há-de ser. (SARAMAGO, 2009, p. 60-61).

O casal profana a santidade do casamento de Lilith, desobedecendo ao sexto mandamento, o qual proíbe o adultério. José Saramago usa as relações sexuais do casal como um símbolo de transcendência, levando-os para o paraíso, movidos pelos desejos e prazeres carnis. O sexo que já foi de sagrado a condenado, como no caso da “*hieródula* (em grego, serva do Sagrado; deste termo foi cunhado da expressão ‘prostituta sagrada’)” (WHITMONT, 1991, p.155) até as prostitutas condenadas, retorna como parte intrínseca do ser humano, principalmente da mulher.

Com relação a Deus, Lilith se mostra reticente, tanto condena quanto, de certa forma, questiona o ódio de Caim, como nos trechos “Não, respondeu ela, vejo em ti um homem a quem o senhor ofendeu” (SARAMAGO, 2009, p. 67) e “Como te atreves a dizer que o senhor deus está louco” (SARAMAGO, 2009, p. 128). Mas, tal defesa do Senhor apenas mostra como o autor utiliza a personagem para expor a contradição entre as ações e Deus descritas por Caim e as ações ideais de uma divindade benevolente, “Deus nunca poderia ser mau, ou não seria deus, para mau temos o diabo” (SARAMAGO, 2009, p. 129). Notamos o questionamento da dicotomia estimulada pela Igreja, o bem e o mau são apresentados na mesma figura, num Deus cujas atitudes não condizem com a imagem benevolente associada a ele.

Lilith, assim como a personagem Eva, recebe influências de seu mito original. Sendo, com relação às personagens femininas, a maior representante da profanação do sagrado ao ser “rebaixada” da sua posição divina para humana, Lilith continua sendo a sedutora devoradora de homens que se rebela contra Deus e se liberta dos tabus presentes nas sociedades patriarcais. O autor retrata na companheira dominadora de Caim, o poder humano, tanto político quanto sexual. O poder do sagrado é transformado em qualidades do profano que questiona o comportamento de Deus perante a humanidade.

3.4 MARIA E MARIA DE MAGDALA – MÃE E ESPOSA PROFANAS

A santa e a profana que acompanharam Jesus durante sua vida são apresentadas por Saramago em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2010). As duas

mulheres assumem papéis diferentes da versão bíblica, uma é abandonada pelo filho e a outra se torna sua companheira e amante.

3.4.1 Maria - Mãe do Filho de Deus

Maria, a virgem mãe de Jesus, é uma das mais fortes representantes da fé católica, cuja breve história é contada nos quatro Evangelhos e nos livros bíblicos. Apesar disso, Maria é uma figura pouco explorada, recebendo um papel menos marcante do que seu filho, Jesus. Como cita Barros:

Outras informações que nos chegaram em relação a Maria provêm dos textos apócrifos e dos escritos patrísticos veiculados neste mesmo século II. Como podemos perceber há quase uma ocultação da figura de Maria, assim como da figura de José, que não aparece nas cenas familiares. (BARROS, 1998, p. 145).

Podemos associar tal ocultação ao que cita Auerbach a respeito do discurso bíblico que não se prende à transcrição exata dos acontecimentos em seus detalhes, não visa à verossimilhança, mas busca o discurso do real, sendo tomado pelo leitor como verdade, e “Ai de quem não acreditasse nela!” (AUERBACH, 2013, p. 11). O acabamento é deixado ao leitor, “só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão” (AUERBACH, 2013, p. 9).

No *Evangelho segundo Mateus*, encontramos uma breve descrição da concepção de Jesus: “Eis como nasceu Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava desposada com José. Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo” (Mateus 1:18). Pelas leis judaicas, essa violação era considerada adultério, “o que expunha a noiva ao abandono e à lapidação” (BARROS, 1998, p. 145). José decide aceitar a esposa após receber a visita de Gabriel, o mesmo anjo da Anunciação:

Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados.
Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta:
Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, que se chamará Emanuel, que significa: Deus conosco. (Mateus 1:21-23).

Descendente de uma sociedade ginecocrática, Jesus é chamado de “filho de sua mãe” e José é excluído da concepção, como cita Barros (1998, p. 146): “Em Marcos, encontramos: ‘Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão?’”. Concepção essa que se torna sagrada, quando o próprio Deus gera seu filho divino em uma profana. Segundo Barros (1998), é comum, nas religiões pagãs, a ideia da habilidade dos deuses gerarem filhos nas humanas. “Esta prática, conhecida como *hieròs-gámos*, dizia respeito ao casamento sagrado de um deus com uma mortal” (p. 146), associando-a à Grande Deusa, de onde, segundo Barros (1998), provém a ideia da virgindade eterna que a caracterizava. Não abolida da memória dos homens, a ideia foi reaproveitada na criação da imagem pura associada à Maria:

A mulher é pura sexualidade, ela transpira sexo e o homem percebeu isso desde sempre. A Igreja, ao impor a virgindade e a castidade eternas de Maria e ao estender esse ideal a todas as mulheres, acreditou estar inibindo a sexualidade feminina. (BARROS, 1998, p. 150).

A associação às antigas deusas promove o início do culto mariano no Oriente com os populares que haviam sido proibidos de cultuá-las. Maria que só era vista pela Igreja na comparação entre ela e Eva, como as imagens da pureza e do pecado, aparece sendo celebrada nas festas populares que se destinavam às deusas pagãs, como Isis e Cibele.

A ortodoxia entendeu o perigo que representava a negação obstinada em torno do culto mariano. No século V, Maria foi aceita no magistério católico. A Igreja, atendendo a necessidade do povo de reivindicar a figura da Mãe, adota uma atitude política, para que a religião do Filho, apoiada na do Pai, não ficasse ameaçada pela religião da Mãe. A Igreja, para que sua liderança não fosse abalada, abriu uma brecha para que a veneração a Maria, como mediadora de todas as graças, pudesse se manifestar. (BARROS, 1998, p. 156).

Assim, o culto à Virgem evoluiu, incorporando datas importantes como a Anunciação; a Candelária, associada a Imbolc, festa da purificação dedicada a deusa celta Brigit; a Assunção, que coincide com as festas a Hécate e Diana; e a Natividade, que coincidia com o nascimento do Deus-Sol e a fertilidade da Virgem Celeste; cada vez mais associando a figura de Maria ao sagrado pelos seus devotos.

Maria, a mãe virgem e cultuada como sagrada aparece na obra de Saramago, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, como profana, tanto em relação à sua imagem de Mãe mediadora como quanto à sexualidade, recebendo um papel secundário na história, dando lugar a Maria de Magdala.

Maria, deitada de costas, estava acordada e atenta, olhava fixamente um ponto em frente, e parecia esperar. Sem pronunciar palavra, José aproximou-se e afastou devagar o lençol que a cobria. Ela desviou os olhos, soergueu um pouco a parte inferior da túnica, mas só acabou de puxá-la para cima, à altura do ventre, quando ele já se vinha debruçando e procedia do mesmo modo com a sua própria túnica, e Maria, entretanto, abrira as pernas ou as tinha aberto durante o sonho e desta maneira as deixara ficar, fosse por inusitada indolência matinal ou pressentimento de mulher casada que conhece os seus deveres. (SARAMAGO, 2005, p. 19).

Diferentemente da versão bíblica, o *Evangelho* de Saramago inicia sua história com José e Maria casados, contrariando a principal característica associada à mãe de Jesus, sua virgindade. Saramago nos apresenta Maria como uma comum esposa, dedicada ao lar e ao seu marido, José, a quem se mostra em uma posição submissa. “Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim, não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezasseis anos” (SARAMAGO, 2005, p. 21). A personagem deixa de ter a imagem idealizada da figura venerada pela Igreja Católica e assume um papel comum, não passando de uma simples mulher casada em uma cultura onde a tradição a coloca numa posição inferior, como observa-se nos trechos: “para o marido vão os panos novos e os cuidados maiores, mulheres destas com qualquer coisa se contentam” (SARAMAGO, 2005, p. 21); e “estava José em casa, [...] comendo o seu jantar, sentado no chão e metendo a mão no prato como então era geral costume, e Maria, de pé, esperava que ele acabasse para depois comer ela, e ambos calados” (SARAMAGO, 2005, p. 22).

Como dito anteriormente, Maria recebe um papel secundário na narrativa de Saramago. Não representa completamente o feminino forte que o próprio autor descreve como seu preferido, mas, provavelmente por possuir tanto poder através de sua imagem sagrada, representa o feminino subjugado. Entre os bens de José e os bens de Job, a única semelhança que ainda assim podia encontrar-se era o número de filhos, [...] levando o carpinteiro a vantagem de ter posto menos uma mulher no mundo (SARAMAGO, 2005, p. 109), a virgem santa dá lugar à procriadora profana. Como cita Ferraz (2012):

O Jeová do Velho Testamento nunca gostou de mulheres, muito menos do prazer sexual, a tal ponto que sua mãe no futuro, Maria, gerará um filho (que é Jeová encarnado) sem a mácula do sêmen masculino, sem o uso de sua vagina segundo interpretação de Julio de Queiroz. Pobre Maria, meramente uma barriga de aluguel, que concebeu sem ter sequer amado! (FERRAZ, 2012, p. 236).

Para Saramago, Maria é maculada e profanada pelo sêmen de seu marido, servindo de barriga de aluguel para satisfazer sua maldição, a de gerar filhos para compensar os mortos por Herodes quando seu filho, Jesus, nasceu.

Destituída de seu posto sagrado de piedosa Intercessora da humanidade perante Deus, Maria exerce um papel de mãe humana que, mesmo sendo devota do Senhor, e possivelmente por essa razão, acaba por condenar seu próprio filho, Jesus, como vemos no diálogo a seguir:

Eu vi Deus. [...] Maria não fez perguntas, só disse, Terá sido uma ilusão, Mãe, as ilusões existem, mas as ilusões não falam, e Deus falou-me, respondeu Jesus. [...] Estás louco, irmão, Se estou louco, o Senhor me enlouqueceu. Estás em poder do Diabo, disse Maria, e o seu dizer era um grito, [...] Sou o filho que tu puseste no mundo, crê em mim, ou rejeita-me, Não creio em ti. (SARAMAGO, 2005, p. 251).

Sendo rejeitado por sua família, principalmente por sua mãe, Jesus decide sair de casa, dessa vez, sem a bondosa esperança de retorno por parte de sua mãe, como já havia ocorrido em sua prévia partida. Maria assume uma posição irredutível quanto ao filho enquanto ele a deixa, vindo, também, a ser rejeitada por ele.

Virou-se para a porta, ia sair sem despedir-se, e Maria disse, Reparei que não trazes no teu alforge uma tigela para servir-te, Tive-a, mas partiu-se, Estão aí quatro, escolhe uma e leva-a. Jesus ainda hesitou, queria ir de mãos vazias, mas foi ao forno, onde, postas umas sobre as outras, estavam as quatro tigelas. Escolhe uma, repetiu Maria. Jesus olhou, escolheu, Levo esta, que é a mais velha, Escolheste como te convinha, disse Maria, Porquê, Tem a cor da terra negra, não se parte nem se gasta. Jesus meteu a tigela no alforge, bateu com o cajado no chão, Dizei outra vez que não creis, Não te cremos, disse a mãe, e agora menos que antes, porque escolheste o sinal do Diabo, De que sinal fala, Essa tigela. (SARAMAGO, 2005, p. 251-252).

Após a partida de seu primogênito, Maria, que também é símbolo da concepção pelo poder do Espírito Santo, representa, agora, a concepção profana, de forma sexual, tanto por parte de José quanto do Senhor, sendo exposta à sua verdadeira posição e papel no momento em que os anjos de Deus a visitam.

Deves saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez, e que, por consequência, dela, da do Senhor, e não da do teu marido, ainda que legítimo, é que foi engendrado o teu filho Jesus. [...] Então Jesus é filho de mim e do Senhor, Mulher, que falta de educação, deves ter cuidado com as hierarquias, com as precedências, do Senhor e de mim é que deverias dizer, Do Senhor e de ti, Não, do Senhor e de ti, Não me embaralhes a cabeça, responde-me ao que te perguntei, se Jesus é filho, Filho, o que se chama filho, é só do Senhor, tu, para o caso, não passaste de ser uma mãe portadora, [...] Então, o Senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável, e então, se ainda te lembras de como estas necessidades se manifestavam, apeteceu-lhe, o resultado foi, nove meses depois, Jesus, [...] Pobrezinha de mim, que cheguei a imaginar, ouvindo-te, que o Senhor me havia escolhido para ser sua esposa naquela madrugada, e afinal foi tudo obra de um acaso. (SARAMAGO, 2005, p. 260-261).

A Virgem mais virtuosa dentre as mulheres, na obra de Saramago, não passa de uma mulher comum escolhida ao acaso por Deus pelo momento apropriado em que se encontrava com seu marido, exercendo seus deveres de esposa. Arrependida de sua atitude, decide enviar seus outros filhos ao encontro de Jesus para que volte para casa, sendo rejeitada pelo filho.

O último encontro de mãe e filho se dá no casamento em Caná, onde, como na *Bíblia*, Maria pede a Jesus que interceda no problema da falta de vinho obtendo uma reação completamente diferente da presente no Livro Sagrado:

Jesus voltou lentamente a cara para a mãe, olhou-a como se ela lhe tivesse falado de muito longe, e perguntou, Mulher, que há entre ti e mim, palavras estas, tremendas, que as ouviu quem ali estava, mas o assombro, a estranheza, a incredulidade, Um filho não trata desta maneira a mãe que lhe deu o ser, [...] Maria recebeu o choque em pleno rosto, suportou o olhar que a repelia, e, desta maneira, colocando o filho entre a espada e a parede, rematou o desafio dizendo aos servidores, Fazei o que ele vos disser. Jesus viu a mãe afastar-se, não disse uma palavra, não fez um gesto para a reter, [...]

Maria de Nazaré e o filho não se falaram mais. Pelo meio da tarde, sem se despedir da família, Jesus foi-se embora com Maria de Magdala pelo caminho de Tiberíades. (SARAMAGO, 2005, p. 289-290).

Maria, que pela “obediência, pureza, virgindade, santidade, foi promovida ao Paraíso, guardiã da Porta do Céu, detentora e dispensadora de todo o bem” (BARROS, 1998, p. 163) agora é repudiada. A sagrada Mãe da humanidade se torna a profana mãe rejeitada pelo seu primogênito, cedendo lugar a sua companheira, amante e amparadora, Maria de Magdala.

3.4.2 Maria de Magdala - Companheira do Filho de Deus

De acordo com Barros (1998), Maria Madalena foi uma criação do Ocidente, surgindo da junção de três personagens presentes na *Bíblia*:

Maria de Magdala, a mulher possuída pelos sete demônios que acompanha Jesus ao calvário, tornando-se a primeira testemunha da ressurreição; a pecadora que banha os pés de Jesus com as próprias lágrimas e os enxuga com os cabelos; Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro. [...] as três Marias dão lugar a uma única [...], Maria Madalena, cujo fascínio popular surge desde o século VIII, resultante da junção de santa e da pecadora, do puro e do impuro, do sagrado e do profano. (BARROS, 1998, p. 162)

Segundo Ferraz (2012), o texto bíblico nunca afirmou a condição de prostituta de Maria Madalena, apenas a cita como a mulher possuída pelos demônios expulsos por Jesus, seguidora do filho de Deus e a primeira a quem Jesus aparece após a ressurreição: “E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios” (Lucas 8:2); ou ainda, “E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios” (Marcos 16:9). De acordo com Ferraz:

O erro de exegese ocorreu no Sermão proferido na Páscoa do ano 591 pelo Papa Gregório, *O Grande*, que, além de adjetivar a pecadora de Lucas 7 como prostituta, confundiu-a com Madalena, cuja libertação e conversão estão narradas na sequência, no capítulo 8 de Lucas. Na realidade, o Papa Gregório anunciou que Maria Madalena, a mulher pecadora, e Maria de Betânia eram uma só. Nasceu deste erro a ideia de que Madalena fosse uma prostituta. Esta mulher pecadora de Lucas 7 foi identificada pelo Evangelista João 11:2 como Maria de Betânia, irmã de Lázaro (esta identificação não se efetiva nos outros *Evangelhos*). Acrescentou-se a isso a imagem da mulher que quase fora apedrejada por adultério, cujo relato é feito pelo evangelista João no capítulo 8:1-11 e a qual Jesus salvou ao sentenciar para os escribas e fariseus: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. Esta mulher adúltera não é nomeada. (FERRAZ, 2012, p. 179-180).

Tal imagem foi, então, aceita pela Igreja “para contrapô-la à Maria, mãe de Jesus, a santa e imaculada que jamais usou seu sexo para ter prazer” (FERRAZ, 2012, p. 179), buscando diminuir seu poder de líder. “Madalena foi a discípula amada, primeira testemunha da ressurreição, mas isto não interessava a uma Igreja Católica composta por homens” (FERRAZ, 2012, p. 180).

A história de Maria Madalena está mais detalhada nos chamados *Evangelhos Apócrifos*, que não constam no Livro Sagrado. Segundo Ferraz (2012), o “*Evangelho de Maria Madalena* afirma que não há pecado no sentido moral do termo” (p. 179), que o filho de Deus a beijava nos lábios, o que representava a transmissão de conhecimento. “Para este apócrifo Madalena era a mulher amada por Jesus e uma forte liderança no início do Cristianismo” (p. 179). Também no *Evangelho segundo Felipe* consta que “Jesus amava Madalena mais que todos os discípulos e a beijava na boca, frequentemente, o que reforça a questão da transmissão de sabedoria” (p.179).

Sendo declaradamente uma das personagens favoritas de José Saramago, Maria de Magdala aparece no *Evangelho* como a prostituta “salva” por Jesus de sua vida profana e que se torna sua principal seguidora, confidente, conselheira e amante. Conhecem-se em Magdala, após Jesus ter sido expulso por Pastor, por onde andava com os pés machucados, buscando ajuda. Jesus encontra a casa de Maria afastada das outras da cidade, “Ó de dentro, disse, e, acto contínuo, uma mulher apareceu à porta, como se justamente estivesse à espera de que a chamassem” (SARAMAGO, 2010, p. 230). Maria o acolhe para tratar de seus pés feridos: “Não estás em condições de andar, entra, que eu trato-te dessa ferida. Jesus não disse que sim nem não, o odor da mulher entontecia-o, a ponto de ter-lhe desaparecido, de um momento para o outro, a dor que lhe dera ao abrir-se a chaga” (SARAMAGO, 2010, p. 230).

Maria de Magdala, primeiramente, representa a sexualidade profana, a prostituição e os desejos carnis. Segundo Bataille (1987):

O aspecto sagrado do erotismo era muito importante para a Igreja, que viu nele a razão maior para sua repressão, queimando as bruxas e deixando vivas as baixas prostitutas. Mas afirmou a degradação da prostituição, servindo-se dela para acentuar o carácter do pecado (BATAILLE, 1987, p. 90).

Vista como pecadora por sua vida de prostituta pela tradição da Igreja, Maria de Magdala é aceita pelo filho de Deus sem que haja condenação, mas fascínio. “Porque és bela, Não me conhecestes no tempo da minha beleza, Conheço-te na beleza desta hora [...] Não sei nada, Que sou prostituta, Isso sei, Que me deito com homens por dinheiro, Sim, Então é o que eu digo, sabes tudo de mim, Sei só isso” (SARAMAGO, 2010, p. 232).

Maria toma Jesus como seu aprendiz, “Aprende meu corpo” (SARAMAGO, 2010, p. 234), dizia ao virgem rapaz enquanto segurava suas mãos e as passava por seu corpo. Maria representa não só o feminino, mas o humano, a vida defendida por Pastor². “Não aprendeste nada, vai-te, dissera Pastor, e quiçá quisesse dizer que ele não aprendera a defender a vida. Agora Maria de Magdala ensina-lhe” (SARAMAGO, 2010, p. 235). Maria de Magdala também toma o lugar da mãe de Jesus, ao cuidar dele por uma semana em sua casa, o amparou, diferentemente da outra Maria, enquanto seu amado sofria com seu pesadelo recorrente, no qual seu pai o mataria. “Conta-mo, e esta palavra simples foi dita com tanto amor, com tanta ternura, que Jesus não pode segurar as lágrimas, [...] Jesus adormeceu com a cabeça no ombro de Maria, respirando sobre o seu seio” (SARAMAGO, 2010, p. 239).

Ferraz (2012) também cita o grande papel de Maria de Magdala nesse novo Evangelho como sendo não somente a acolhedora de Jesus, mas sua conselheira: “Ela é uma grande profetisa, dotada de uma sabedoria peculiar, oráculo inspirado que orienta o Filho do Homem nos momentos mais difíceis de sua missão, tendo recebido essa incumbência da própria mãe de Jesus, que nela falhara” (p. 182). A mãe falhara ao desacreditar seu filho, ao contrário de Maria de Magdala: “Eu vi Deus, Maria de Magdala não se alterou, apenas as mãos que tinha cruzadas no regaço se moveram um pouco, e perguntou, Era isso que tinhas para dizer-me se nos votássemos a encontrar” (SARAMAGO, 2010, p. 257). Tomando o lugar da sagrada mãe, Maria de Magdala, por meio de Saramago, questiona a idealização da Virgem e a condenação do restante das mulheres que não foram dignas de serem mães do filho de Deus. Assumindo o papel de companheira e conselheira, Maria dá ao profano impuro a condição de superior à escolhida pelo Senhor para carregar seu filho, é escolhida pelo filho como digna de seu amor.

Maria de Magdala vai contra o divino não só ao interferir nos milagres que deveriam ser realizados por seu amado, como quando evita a ressurreição de Lázaro, “Maria de Magdala põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os

² Pastor, ou o Diabo, com quem Jesus conviveu após sair de casa pela primeira vez, não aceitava o comportamento de devoção a Deus. Expulsa Jesus quando o rapaz sacrifica uma ovelha como tributo ao Senhor. Pastor defendia a humanidade em detrimento do divino, como é visto no período em que Jesus passa quarenta dias num barco no meio do nevoeiro, episódio em que Pastor e Deus discutem o futuro da humanidade com a ascensão do Cristianismo. Pastor chega a propor o fim da maldade para a salvação da humanidade.

braços e saiu para chorar (SARAMAGO, 2010, p. 360). Não só interfere no poder divino de Jesus em um dos milagres mais significativos na tradição Cristã, mas também rejeita Deus. O trecho a seguir mostra Maria de Magdala (destacada em itálico) falando com seu amado sobre seu sonho:

Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus desprezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus, e agora vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito, Queres assustar-me, Vou-te contar um sonho que tive, uma noite apareceu-me em sonho um menino, de repente apareceu vindo de parte nenhuma, apareceu e disse Deus é medonho, disse-o e desapareceu, não sei quem fosse aquela criança, donde veio e a quem pertencia, [...], Depois comecei a ser prostituta, Já deixaste tal vida, Mas o sonho não foi desmentido, nem mesmo depois que te conheci, Diz-me outra vez, como foram as palavras, Deus é medonho. (SARAMAGO, 2010, p 258).

Podemos analisar tal passagem como ligada não só ao questionamento de Deus, mas também da validade dos sonhos de Maria. Sonhos, que, nos profetas, são tomados como verdade, agora aparecem para a prostituta profana e são confirmados pela companheira do filho de Deus.

Rejeitar o Senhor e acolher seu filho como marido em uma união profana faz com que Maria de Magdala tome controle de sua própria vida e de Jesus. Ela é a virgem que se dedicava exclusivamente ao sagrado por meio dos rituais sagrados que envolviam o sexo, como cita Whitmont (1991, p. 155), é a ligação do humano com o sagrado por meio do amor.

Sua união com Jesus não vai apenas contra a imagem do filho de Deus puro cultuada pelo Cristianismo, maculando-o com os prazeres carnis, como já descrito anteriormente, mas também desafia tradições sagradas e culturais. Enquanto a mãe se resignava a seu “papel de mulher”, cuidando da casa e raramente falando com seu marido, Maria de Magdala participava ativamente da vida de Jesus, “porque desde o primeiro dia, na casa fechada, este homem e esta mulher tinham dividido e multiplicado entre si os sentimentos e os gestos, os espaços e as sensações, sem excessivos respeitos a regras, normas ou lei” (SARAMAGO, 2010, p. 240). Mantendo uma união profana com o filho de Deus, questionam o tradicional matrimônio e criam uma relação de cumplicidade.

Quem é essa mulher, perguntou Tiago, Chama-se Maria e está comigo, respondeu Jesus, Casaste-te, Sim, mas não, não, mas sim, Não

compreendo, Nem eu contava que compreendesses, Devo falar-te, Fala, então, Trago recado de nossa mãe, Estou a ouvir-te, Preferia dar-to a sós, Ouviste o que eu disse. Maria de Magdala deu dois passos, Posso retirar-me para onde não vos oiça, disse, Não há na minha alma um pensamento que não conheças, é portanto justo que saiba que pensamentos teve minha mãe a meu respeito, assim poupar-me-ás o trabalho de tos contar depois, respondeu Jesus. A irritação fez subir o sangue à cara de Tiago, que deu um passo atrás, como para retirar-se ao mesmo tempo que lançava a Maria de Magdala um olhar de cólera, mas onde se percebia também um sentimento confuso, de cobiça e rancor. (SARAMAGO, 2010, p. 270-271).

Jesus e Maria de Magdala criam a seu gosto uma relação que desafia os dogmas de uma sociedade que se funda em princípios religiosos baseados no Deus Pai e na superioridade masculina: “à solta nessas quatro paredes, entre as quais puderam, por poucos dias, talhar um mundo à simples imagem de homem e mulher, bem mais dela do que dele” (SARAMAGO, 2010, p. 241).

Receoso com sua crucificação e com a responsabilidade das milhões de vidas que serão afetadas pelo seu sacrifício, Jesus busca em Maria de Magdala apoio e conforto, contrariando a autonomia do Cristo bíblico.

Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão-de seguir, a ti escolheu-te para que abrisses, em seu serviço, uma estrada entre as estradas, mas tu por ela não andarás, e não construirás um templo, outros o construirão sobre o teu sangue e as tuas entranhas, portanto, melhor seria que aceitasses com resignação o destino que Deus já ordenou e escreveu para ti, pois todos os teus gestos estão previstos. (SARAMAGO, 2010, p. 339).

Maria de Magdala utiliza sua sabedoria e inteligência para guiar seu companheiro e acaba por se tornar a discípula mais amada e influente, chegando a ter mais poder que o próprio Jesus na tomada de decisões, como no caso de Lázaro. Seus sentimentos pelo filho de Deus a tornam a mais importante entre as profanas e seu sofrimento é apenas reforçado com a morte de seu amado, mas ainda assim mostra sua força perante os demais, pois enquanto as outras mulheres choram, “só uma delas é que não chorava, era Maria de Magdala, porque o choro se lhe estava queimando dentro” (SARAMAGO, 2010, p. 371).

4 CONCLUSÃO

O sagrado sempre teve lugar no mundo, mesmo nas sociedades modernas nas quais o homem tende a se dessacralizar. Embora ele busque uma vida não relacionada à religião, o comportamento e a tradição ligada ao sagrado permeia a cultura onde está inserido, tornando-se impossível essa desvinculação. Uma das tradições religiosas, se não a maior, com mais influencia no mundo moderno é o Cristianismo, atuando na maioria das esferas da sociedade, desde a cultural até a política, tem a Bíblia como seu livro sagrado e seu texto tem enorme importância tanto por ser considerada por alguns como relatos históricos ou como literário, se tornando o principal livro a influir na literatura ocidental.

Inserido em uma cultura onde predomina o Cristianismo e a tradição Católica, José Saramago repudiava o fundamentalismo e a participação da Igreja na vida civil e política, tinha Deus como um produto da imaginação humana, uma criação do homem para suprir suas necessidades que iam além do simples mundo material. Como observado no decorrer do trabalho, um dos pontos principais da obra de José Saramago é a relação do seu trabalho com a religião através de um discurso questionador e irônico que permeia seus enredos e os personagens de suas narrativas. *Caim* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* mostram a história bíblica reinterpretada pelo autor, que parodia não somente o enredo, mas transforma os principais personagens das tradições Judaica e Cristã como forma de desmistificação de uns e valorização de outros, colocando o profano em posição superior em comparação com o sagrado.

Nas obras analisadas encontramos os dois personagens principais em jornadas distintas, mas que se ligam por suas relações com Deus, sendo o protegido, Caim, e o filho, Jesus. Embora ambos tenham um relacionamento próximo com o Criador, um presenciando e o outro sendo instrumento de suas vontades, suas personalidades e atitudes os distinguem tanto de suas versões originais quanto um do outro em suas funções nos romances.

Caim, pouco explorado no texto bíblico, ganha uma história após sua condenação pelo fratricídio, condenação que também se torna em proteção do Senhor contra qualquer um que possa vir a querer seu mal. Podemos ver em Caim um reflexo do comportamento questionador e que condena o Deus cristão de José Saramago. O autor utiliza o personagem como forma de denúncia do

comportamento absurdo de Deus, observado no livro, através das viagens pelo tempo as quais Caim é submetido. Conseguindo interferir em uma, no sacrifício de Isaac, e sendo apenas testemunha da crueldade divina nas outras, Caim tem seu ódio e sentimento de vingança acentuados com cada retorno para casa, até que elimina a humanidade como forma de punição a Deus.

Assim como Caim, Jesus recebe uma nova história, preenchendo a lacuna entre a juventude e sua vida adulta próxima da crucificação na Bíblia. Diferente da Bíblia, mesmo tendo seus seguidores, Jesus deixa de ter a imagem de líder sábio na obra de Saramago. Enquanto o fratricida é apresentado como responsável pelas próprias ações, mesmo quando convence Deus a assumir parte da culpa pela morte de Abel, Jesus se porta de maneira menos proativa quanto às suas decisões. É influenciado pela sua fé, por Pastor, por Maria Magdala e pelo próprio Senhor. Mais humano, sujeito a imperfeições e a comportamentos profanos, como o sexo, o novo filho de Deus é destituído de sua santidade inata e morre a contragosto para que Deus receba a sua glória.

Se Caim questiona e ataca o sagrado, Jesus é o sagrado atacado pelo autor. Caim é o humano que desafia Deus em sua sabedoria e consegue superá-lo quando destrói sua principal criação. Jesus é o divino perfeito rebaixado e transformado em pecador. Possivelmente, por ser condenado na tradição cristã, Caim parece ter um papel autônomo em seu romance, ao passo que Jesus aparece como perdido, atormentado por pesadelos e suscetível a influências externas.

Como analisado no trabalho, vemos que, apesar de Caim e Jesus serem os personagens principais dos enredos, ambos são rodeados por outras figuras que participam de suas jornadas, principalmente, como preferência do autor, as femininas.

Tanto Caim quanto Jesus encontram uma companheira e se unem a elas tanto no lado carnal quanto no psicológico, já que ambas funcionam como conselheiras e como amparo. José Saramago uniu demônio e condenado, Lilith e Caim, formando um casal cujos membros, desde suas versões originais, já foram condenados pela fúria divina e aqui se juntam contra o Todo Poderoso. Esse casal não só desafia o sagrado ao questionarem as atitudes de Deus, mas, principalmente, a ordem religiosa relacionada à castidade e à santidade do casamento, já que Lilith permanece casada mesmo tendo todos os amantes que deseja e os dois mantêm uma relação cuja base é a sexualidade. O autor também

une prostituta e divino por meio das figuras de Maria de Magdala e Jesus. Nesse casal vemos a maior afronta à fé cristã e aos dogmas dessa religião.

Saramago não apenas transforma o filho de Deus em profano, mas o destrona de sua posição imaculada e casta tradicionalmente cultuada pelos cristãos. Sexualmente profanado pela prostituta que o acolhe e se transforma em esposa, também divide com ela seus pensamentos e a coloca em posição de igualdade, desafiando a tradicional figura superior do homem nas sociedades e religiões patriarcais. Maria de Magdala é esposa, conselheira e o influencia na tomada de grandes decisões, como nos milagres que realiza.

Notamos grandes semelhanças entre essas duas figuras femininas. Lilith e Maria Madalena são figuras tradicionalmente relacionadas ao pecado e, principalmente, à sexualidade, embora a segunda tenha se redimido ao conhecer o filho do Senhor. Na versão de Saramago, Lilith e Maria de Magdala assumem papel dominante em relação às suas vidas e às vidas de seus companheiros. Chefes de suas casas, dividem seus mundos com Caim e Jesus sem assumir uma posição submissa. Ambas iniciam os dois personagens principais na vida sexual, Lilith de forma intensa, chegando a parecer animalesca, assim como sua versão original; Magdala inicia Jesus na vida sexual de forma mais amena, mas ainda assim percebemos o lado instintivo ligado à relação do casal através dos sentidos do tato e olfato.

Enquanto Lilith é mais ligada ao lado sexual e instintivo, Maria, também relacionada ao sexual, é mais ligada ao lado emocional e racional. Ambas condenam o comportamento de Deus, mas, enquanto Lilith ainda questiona Caim se o Senhor realmente teria tal conduta, Maria o condena desde seu sonho sobre o Deus cruel, uma das personagens preferidas de Saramago sempre soube, assim como o autor, do lado duvidoso e inapropriado do comportamento do Criador.

Por fim, as mães da humanidade também são retratadas por Saramago nos dois romances, a mãe pecadora, Eva, e a virgem, Maria. Assim como Caim, Eva é pouco explorada no texto Bíblico, ganhando uma nova versão de sua história na narrativa, na qual o autor explora seu caráter e dá a ela uma autonomia não presente na sua versão original. Eva, que era vista apenas como a pecadora desobediente que condenou a humanidade por sua atitude, passa a ser a astuta desobediente, que mesmo condenada ainda procura se beneficiar e conseguir comida usando sua inteligência, e corpo, para convencer o anjo guardião do Éden a

ajudá-la. Eva é a primeira humana a utilizar de seu lado racional, já que o marido se mantinha preso ao temor de Deus. Eva critica a passividade do marido e se liberta das amarras do casamento e de sua relação com Deus ao tomar suas próprias decisões. Ao seduzir o anjo e passar por cima das ordens do Senhor, Eva representa o poder da inteligência humana sobre a divina, além do poder relacionado à sexualidade, especialmente a feminina, capaz de influenciar no sagrado.

Na tradição cristã, Eva é a pecadora e Maria é tida como a virgem escolhida por Deus, digna de gerar seu filho. Assim como Jesus, Maria é retratada desprovida de sua imagem sagrada na obra de Saramago. A mãe de Jesus deixa de ser a virgem pura e passa a ser uma mulher comum, obediente ao marido em suas funções no lar e sexuais. Com uma atitude submissa, mesmo que intimamente questionasse o mundo a sua volta, Maria é mostrada como passiva em relação ao mundo à sua volta, tendo um papel menor em uma sociedade patriarcal.

Saramago a tira da posição de mulher exemplar ao representá-la como abandonada por seu filho depois de rejeitá-lo ao não acreditar em sua história sobre o encontro com Deus e viúva, Maria deixa de ter o papel privilegiado aceito culturalmente pelos devotos da Virgem. Além de perder o posto de destaque na vida do filho, Maria perde a imagem sagrada relacionada à natividade. Jesus é concebido de um ato sexual em que a semente de Deus é misturada à de José, o sagrado se rebaixa ao profano por meio da relação sexual, diferente da concepção milagrosa pelo poder divino. Maria também é substituída por Maria de Magdala na vida de Jesus, a mãe acolhedora e sagrada é trocada pela prostituta. Como visto anteriormente, Maria de Magdala assume o papel de conselheira e acolhe Jesus, o oposto de Maria, a mãe.

Como pudemos notar, por meio de seus personagens, José Saramago ataca o sagrado pela valorização do humano, e até convertendo aqueles considerados sagrados em profanos. Jesus e Maria, por serem adorados no catolicismo são rebaixados, enquanto os condenados, Caim, Eva, Lilith e Madalena são apresentados em papéis mais fortes e autônomos em comparação com os demais. O humano aparece em *Caim* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* como ser superior ao sagrado, tanto pela inteligência quanto pelas características mais humanas como a sexualidade, premissa do autor que lutava contra os poderes do sagrado na sociedade em que vivia.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Fernando G. **As palavras de Saramago**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- _____. Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance. In **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.
- BARROS, Maria N. A. de. **As deusas, as bruxas e a Igreja**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- BYINGTON, Carlos. Prefácio. In KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum. O martelo das feiticeiras**. 16 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- Bíblia Sagrada – Versão Católica**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc>. Acesso em: 09/12/2014.
- CABREIRA, Regina H. U. **A Condição Feminina na Sociedade Ocidental Contemporânea – Uma Releitura de A Letra Escarlate de Nathaniel Hawthorne** –. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito, entrevista concedida a Bill Moyers**; Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu - José Saramago**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. **The great code: The Bible and Literature**. 1 ed. Nova York: HBJ, 1982.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2011.
- PINHEIRO, Eula. **José Saramago: tudo, provavelmente, são ficções; mas a literatura é vida**. 1 ed. São Paulo: Musa, 2012.
- SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. **Caim**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SICUTERI, Roberto. **Lilith, a lua negra**. Trad. Norma Telles e Adolpho S. Gordo. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da Deusa**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1991.